

LUÍS DE CAMÕES

INÊS DE CASTRO

EPISÓDIO

EXTRAÍDO DO CANTO TERCEIRO DO POEMA ÉPICO

OS LUSÍADAS

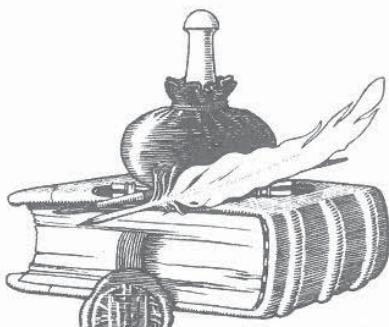
EDIÇÃO EM QUINZE LÍNGUAS

FAC-SIMILADA PELA EDIÇÃO DE 1873
ACRESCIDA DA VERSÃO JAPONESA

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA

1990



EX LIBRIS
DA BIBLIOTECA DA
IMPRENSA
NACIONAL
DE LISBOA

INÊS DE CASTRO

- 1.^a EDIÇÃO NO ANO DE 1972
- 2.^a EDIÇÃO NO ANO DE 1980
- 3.^a EDIÇÃO NO ANO DE 1990

EDIÇÃO
DA
IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA
EM EXCLUSIVO
PARA A TAP-AIR PORTUGAL



J. P. de Souza gr.

LUIZ DE CAMÕES

LUÍS DE CAMÕES

INÊS DE CASTRO

EPISÓDIO

EXTRAÍDO DO CANTO TERCEIRO DO POEMA ÉPICO

OS LUSÍADAS

EDIÇÃO EM QUINZE LÍNGUAS

FAC-SIMILADA PELA EDIÇÃO DE 1873
ACRESCIDA DA VERSÃO JAPONESA

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA

1990

IGNEZ DE CASTRO

Os idiomas em que se encontra impresso, no presente volume, este episodio são, alem do portuguez e pela sua ordem, os seguintes:

Idiomas	Traductores	Edições	
		Localidades	Datas
Latim.....	Fr. Thomé de Faria	Lisboa.....	1745
Hespanhol.....	Don Lambert Gil.....	Madrid	1818
Italiano.....	Felice Bellotti	Milão.....	1862
Francez	Duque de Palmella(D. Pedro)....	Coimbra	1855
Inglez.....	Edward Quillinan	Londres.....	1853
Allemão	J. J. C. Donner	Stuttgart.....	1854
Hollandez.....	Guilherme Bilderdijk.....	Amsterdam...	1808
Sueco	Nils Lovén	Lund.....	1852
Dinamarquez	H. V. Lundbye.....	Kjöbenhavn ..	1828
Hungaro.....	Greguss Gyula.....	Pesth.....	1865
Bohemio	Bog. Pichla	Praga	1836
Polaco.....	Jacek Przybylski.....	Cracovia.....	1790
Russo	Alexandre Dimitrief.....	Moscow.....	1788

Não consta que exista em algum outro idioma traducção, manu-scripta ou impressa, d'este formoso episodio do immortal poema do cantor do Gama.

Nota. — A versão japonesa é de Fumiko Aoki e Yoshimi Takezawa, Lisboa, 1990.

Reimpressão do texto de 1873, do qual se conservou a originalidade ortográfica.

O poema «Inês de Castro» faz parte do canto III de Os Lusiadas publicados em 1572.

Este livro é uma oferta da TAP-AIR PORTUGAL.

IGNEZ DE CASTRO

Estavas, linda Ignez, posta em socego,
De teus annos colhendo doce fruito,
Naquelle engano da alma, ledo e cego,
Que a fortuna não deixa durar muito;
Nos saudosos campos do Mondego,
De teus formosos olhos nunca enxuito,
Aos montes ensinando e ás hervinhas
O nome, que no peito escripto tinhás.

De teu Principe alli te respondiam
As lembranças, que na alma lhe moravam,
Que sempre ante seus olhos te traziam,
Quando dos teus formosos se apartavam;
De noite em doces sonhos, que mentiam,
De dia em pensamentos, que voavam;
E quanto em fim cuidava, e quanto via,
Eram tudo memorias de alegria.

De outras bellas senhoras e Princezas
Os desejados thálamos engeita;
Que tudo em fim, tu, puro amor, desprezas,
Quando um gesto suave te sujeita.
Vendo estas namoradas estranhezas
O velho pai sesudo, que respeita
O murmurar do povo, e a phantasia
Do filho, que casar-se não queria;

Tirar Ignez ao mundo determina,
Por lhe tirar o filho, que tem preso;
Crendo co'o sangue só da morte indina
Matar do firme amor o fogo acceso.
Que furor consentio, que a espada fina,
Que pôde sustentar o grande peso
Do furor Mauro, fosse alevantada
Contra huma fraca dama delicada?

Traziam-na os horrificos algozes
Ante o Rei, já movido a piedade;
Mas o povo com falsas, e ferozes
Razões á morte crua o persuade.
Ella com tristes e piedosas vozes,
Sahidas só da magoa, e saudade
Do seu Principe e filhos, que deixava,
Que mais, que a propria morte, a magoava:

Para o ceo crystallino alevantando
Com lagrimas os olhos piedosos,
Os olhos, porque as mãos lhe estava atando
Hum dos duros ministros rigorosos:
E despois nos meninos attentando,
Que tão queridos tinha e tão mimosos,
Cuja orphandade como mãi temia,
Para o avô cruel assi dizia:

'Se já nas brutas feras, cuja mente
Natura fez cruel de nascimento,
E nas aves agrestes, que sómente
Nas rapinas aerias tem o intento,
Com pequenas crianças vio a gente
Terem tão piedoso sentimento,
Como co'a mãi de Nino já mostraram,
E co'os irmãos, que Roma edificaram:

'Ó tu, que tens de humano o gesto e o peito,
(Se de humano he matar huma donzella
Fraca e sem força, só por ter sujeito
O coração a quem soube vencel-a)
A estas criancinhas tem respeito,
Pois o não tens á morte escura della:
Mova-te a piedade sua e minha,
Pois te não move a culpa, que não tinha.

'E se, vencendo a Maura resistencia,
A morte sabes dar com fogo e ferro,
Sabe tambem dar vida com clemencia
A quem, para perdel-a, não fez erro:
Mas, se to assi merece esta innocencia,
Põe-me em perpetuo e misero desterro
Na Scythia fria, ou lá na Libya ardente,
Onde em lagrimas viva eternamente.

'Põe-me, onde se use toda a feridade,
Entre leões e tigres; e verei
Se nelles achar posso a piedade,
Que entre peitos humanos não achei:
Alli co'o amor intrinseco, e vontade
Naquelle por quem mouro, criarei
Estas reliquias suas, que aqui viste,
Que refrigerio sejam da mã triste.'

Queria perdoar-lhe o Rei benino,
Movido das palavras, que o magoam;
Mas o pertinaz povo e seu destino
(Que desta sorte o quiz) lhe não perdoam:
Arrancam das espadas de aço fino
Os que por bom tal feito alli apregoam.
Contra huma dama, ó peitos carniceiros,
Feros vos amostrais e cavalleiros?

Qual contra a linda moça Polyxena,
Consolação extrema da mãi velha,
Porque a sombra de Achilles a condena,
Co'o ferro o duro Pyrrho se apparelha:
Mas ella os olhos, com que o ar serena,
(Bem como paciente e mansa ovelha)
Na misera mãi postos, que endoudece,
Ao duro sacrificio se offerece:

Tacs contra Ignez os brutos matadores
No collo de alabastro, que sostinha
As obras, com que amor matou de amores,
Aquelle, que despois a fez Rainha,
As espadas banhando, e as brancas flores,
Que ella dos olhos seus regadas tinha,
Se encarniçavam, férvidos e irosos,
No futuro castigo não cuidosos.

Bem púderas, ó Sol, da vista destes
Teus raios apartar aquelle dia,
Como da séva mesa de Thyestes,
Quando os filhos por mão de Atreo comia!
Vós, ó concavos valles, que podestes
A voz extrema ouvir da bôca fria,
O nome do seu Pedro, que lhe ouvistes,
Por muito grande espaço repetistes!

Assi como a bonina, que cortada
Antes do tempo foi, candida e bella,
Sendo das mãos lascivas maltratada
Da menina, que a trouxe na capella,
O cheiro traz perdido e a côr murchada:
Tal está morta a pallida donzella,
Seccas do rosto as rosas, e perdida
A branca e viva côr, co'a doce vida.

As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memoraram;
E, por memoria eterna, em fonte pura
As lagrimas choradas transformaram:
O nome lhe puzeram, que inda dura,
Dos amores de Ignez, que alli passaram.
Vede que fresca fonte rega as flores,
Que lagrimas são a agua, e o nome amores.

*Anni 1873 scripti reimpressio, cuius ortographica singularis
natura servata est.*

*Ad Os Lusiadas, tertium librum, anno 1572 editum, pertinet
carmen «Inês de Castro» «Castri Agnes».
A TAP-AIR PORTUGAL tibi hoc volumen offertur.*

AGNES DE CASTRO

Ecce quiescebas Mondae pulcherrima ripis
Aetatisque tuae captabas dulcia fructus
Praemia, (sed multum requiescere gaudia vitae
Non patitur fortuna ferox) tua lumina Mondae
Stellati ripas lacrymis, et fletibus augent,
Principis et Petri gratum tibi nomen, et alta
Fixum mente manens manifestas montibus, herbis,
Floribus atque rosis, hyacinto, albisque ligustris.
His animum incensum curis inflammat amore
Foemina, et illustrat noctis cum luna tenebras
Sola domo moeret vacua, stratoque relicto
Incubat illum absens absentem, auditque, videtque.
Nobilium Princeps thalamos jam despicit, Agnes
Pectore sola manet, solam sociare sodalem
Constituit Petrus, sibi stat sententia menti,
Conjugio Agneti tandem se tradidit illi.
Improbè amor, sic tu mortalia pectora cogis!
At Rex Alphonsus nimia jam membra senecta
Lassa gerens, nati ardenter conspexit amorem

Illustres thalamos, regali et sanguine dignos
Temnere, rumores populique, et jurgia vidi,
Agnetem statuit formosam mergere acerbo
Funere, et insontem vultus spoliare decore.
Sanguine conceptas statuens extinguere flamas,
Quas securus amor constanti in pectore nutrit.
Quis furor, o cives, placuit ne ut frigidus ensis,
Quo Mauri ad stygias mittuntur saepe paludes,
Imbellem contra, fragilem, pulchramque puellam
Vibretur, perdatque levi cum vulnere vitam?
Horrifici ad Regem motum pietate ministri
Adducunt miseram; populus sed mente feroci
Suadet ut Agnetem superis Rex auferat auris.
Attamen illa sui Petri non immemor aedes
Respicit aethereas, flammisque accensa dolorem
Principis absentis, chara natosque parente
Orbatos plusquam mortem lacrymaverat Agnes.
Fundebant oculi lacrymas, tunc fune minister
Alligat et palmas niveo candore decoras,
Postea conspiciens pueros sua pignora, dulci
Queis distenta dabat ludens lacte ubera mater,
Principis et natos arcto nutribat amore,
Sic fatur lacrymans, tristique haec protulit ore.
Si quando (Rex alme) feras, natura feroce
Quas produxit, aves assuetas forte rapinis,
Commovit pietas pueros nutrire recenti
Lacte, sinuque suo, jam ut monstravere columbae
Egregiae Nini matri, quae pabula quandam
Praestabant pulchrae magna pietate puellae:

Et lupa monstravit, sitiens dum flumina quaerit
Inveniens binos nutrivit lacte gemellos,
Inclyta qui magnae fundarunt moenia Romae.
Tu Rex, humano qui polles corde, videtur
Humanum si forte tibi mactare puellam
Insontem, indemnemque, ac nullo crimine foedam,
Hoc tibi crimen erit solum, quod pectora nati
Vicerit, eximio qui me sibi junxit amore.
Respice ad hos pueros, tristem ne respice matrem,
Te moveat pietas, siquidem te nulla movere
Culpa valet, vitamque insons cum sanguine fundo.
Quod si Maurorum furias consumere ferro
Ipse potes, moveat sumnum clementia pectus,
Neve occide nurum, quae crimina nulla patravit.
Si tamen haec ratio sublimia pectora Regis
Non movet, extremas infelix mittar ad oras;
Exul ero Scythicis campis, Lybicisque remotis,
Queis lacrymis, nostros dum spiritus hos reget artus,
Consumam infaustum Petri non immemor aevum,
Principis et nomen firmo sub pectore condam.
Me mitte ad populos saevos, tigresque, leonesque
Et fortasse mihi pietas erit obvia, pectus
Quam celsum, eximum, sublimeque denegat, oris
Exul ero extremis placido contenta favore;
Pignora, reliquiasque tui, quem corde reporto,
Principis atque mei, materno ibi pectore pascam.
Jam pietas Regem impellit, jam parcere motus
Optat; nam nimium moverunt verba puellae,
Sed non magnatum, populique ferocia parcit,

Sanguineumque ferox vagina liberat ensem,
Qui morte insontem dignam putat esse puellam.
O dura, ac horrenda nimis, fera viscera! contra
Imbellem, timidam monstrastis robora fortis?
Qualis Pyrrhus erat, cum pulchra Polyxena virgo
Extremum charae matris solamen, Achillis
Quod fera formosam damnaverat umbra puellam,
Crudelem Pyrrhus jam praeparat impius ensem.
Ast illa in matrem furii, iraque furentem
Lumina conjiciens, quibus aera temperat, agnæ
Haud similis patiens gladio se se hostia subdit.
Sic contra Agnetem insurgunt, collumque cruento
Percutiunt gladio, et cervicem vulnere foedant,
Cervicem, candore nivem, glaciemque rigentem
Quae superat: pendent ex collo opera alta supremi
Principis Agnetem qui post sua funera fecit
Reginam: moriens crystalli lumine guttas
Emittit, formosa quibus decoraverat ora.
O miseri, casum vestrum pensate futurum?
Quam bene sol poteras abscondere fulgida ab istis
Lumina, ut insani feralis mensa Thyestis
Luce tua caruit, natum cum frater edendum
Atreus apposuit; neque enim hoc perferre volebas
Vosque cavae valles, vos alta cacumina montis,
Quae vocem extremam potuistis ab ore puellæ
Accipere, audistis dilecti nomina Petri,
Atque iterum longo repetistis tempore Petrum.
Sicut cum praecisa fuit sine tempore pulchra
Vel rosa, vel flores, vel lilia candida bellæ

Virginis attractata manu, queis texere amoenum
Cura fuit tenero capitique imponere sertum;
Jam color abscedit, gratumque amittit odorem:
Sic defuncta jaces, Agnes, sic ora colorem
Deperdunt, sic pulchra rosas, sic lilia pulchra
Amittit facies, vultum color atque reliquit
Purpureus, pallor gelidos solum occupat artus.
Vos, fluvii nymphae Mondae, teterima vestrae
Funera plorastis per tempora longa puellae,
Aeternumque oculis lacrymas vertistis amoenum
In fontem, atque illi posuistis, nomen amorum
Agnetis Petrique simul. Quam suavis odore
Irrigat unda rosas, flores et lilia campi!

D. FR. THOMAS DE FARIA.

Reimpresión del texto de 1873, del cual se conservó la ortografía original.

El poema «Inês de Castro», hace parte del canto III de Os Lusíadas publicados en 1572.

Este libro es un obsequio de TAP-AIR PORTUGAL.

INES DE CASTRO

Estabas, bella Ines, puesta en sosiego,
y el dulce fruto de tu edad cogias,
con un engaño de alma alegre y ciego
que habia de durar mui pocos dias.
En la florida vega de Mondego,
que regar con tus lágrimas solias,
le hacias repetir al monte y prado
el nombre que en tu pecho está grabado.

De tu príncipe allí te respondian
las memorias que el alma le llenaban,
y presente á sus ojos te traian
siempre que de los tuyos se apartaban:
de noche en dulces sueños que mentian,
de dia en pensamientos que volaban;
y en fin cuanto él pensaba y cuanto via,
era todo memorias de alegría.

De la dama mas bella y mas amable
el deseado tálamo no aceta:
pues amor todo lo hace despreciable
si á un bello rostro al hombre lo sujeta.
Considerando el padre inexorable
cuánto murmura el pueblo, á quien respeta;
y el obstinado empeño y fantasía
del hijo, que casarse no queria:

Sacar á Ines del mundo determina
por libertar al hijo en su amor preso;
esperando con muerte tan indina
matar su firme amor, y darle seso.
¿Qué furia consintió, que espada fina,
capaz de sustentar el grave peso
del furor Moro, fuese levantada
contra una dama frágil, delicada?

Ya los verdugos ásperos y atroces
la presentan al Rey ya enternecido:
mas com razones falsas y feroces
el pueblo le cerró el piadoso oido.
Ella con tristes y piadosas voces
nacidas del amor que habia tenido
al príncipe y los hijos que dejaba,
que esto mas que la muerte la angustiaba;

Al cielo cristalino levantando
con lágrimas los ojos amorosos,
los ojos, pues las manos le iba atando
uno de los ministros rigurosos;
y despues sus hijuelos contemplando
tan tiernos, tan queridos, tan hermosos,
cual madre que su perdida sentía,
al abuelo crueל así decia:

'Si hasta las fieras brutas, cuya mente
hizo natura cruel de nacimiento,
y las aves, nacidas solamente
para buscar matando su alimento,
con niños desvalidos, vió la gente
que han tenido piadoso sentimiento;
como con Semirámis lo mostráron,
y con los dos que á Roma edificáron;

'Tú, que de humano tienes el aspetto
(si de humano es matar una doncella,
porque á su ardiente amor está sujeto
el pecho que logró rendirla á ella),
de estos niños siquiera ten respeto,
ya que no te hace mi desgracia mella:
muévate la piedad que nos disculpa,
pues no te mueve el ver que estoy sin culpa.

‘Y si á la infame mora resistencia
la muerte sabes dar con fuego y hierro;
sabe tambien dar vida con clemencia
á quien para perderla no hizo yerro.
Ó, si te lo merece mi inocencia,
pónme en perpetuo y misero destierro,
allá en la Escitia fria, ó Libia ardiente,
donde en lágrimas viva eternamente.

‘Pónme do mayor sea la fiereza:
ó entre leones y tigres: pues yo espero,
que en ellos he de hallar ménos dureza,
que en este pueblo atroz y carnicero.
Allí, amando constante y con firmeza
al príncipe adorado por quien muero,
criaré estos sus hijos, que aquí viste,
consuelo extremo de una madre triste.’

Quería perdonarla el rey benino,
que está de estas palabras lastimado;
mas el pueblo enconado, ó su destino
que así lo quiso, no la ha perdonado.
Echan mano al acero puro y fino
los que por bueno dan este atentado:
¿contra una dama, pechos carniceros,
quereis mostraros bravos y guerreros?

Como contra la hermosa Polixena
(porque el alma de Aquiles inhumana
á no debida muerte la condena)
Pirro alzó con furor la mano insana;
miéntras ella de amor y candor llena,
abrazando á su triste madre anciana
que con el caso acerbo se enloquece,
al duro sacrificio el cuello ofrece:

Así de Ines los brutos matadores
en el ebúrneo cuello (donde estaba
la gracia con que Amor mató de amores
al que despues por reina la juraba)
su acero bañan y las blancas flores
que con su propio llanto ella regaba:
y se encarnizan férvidos y airados,
del futuro castigo descuidados!

De escena tan atroz, Sol, bien pudieras
los ojos apartar en aquel dia,
cual de las mesas de Tieste fieras,
cuando sus propios hijos se comia!
Vos, valles, que escuchásteis las postreras
voces que articuló su boca fria,
el nombre de don Pedro, que le oísteis,
por espacio mui largo repetísteis.

Como rosa del campo, que cortada
antes de tiempo fué, cándida y bella,
siendo por la muchacha maltratada,
que la cabeza se adornó con ella,
pierde el olor y queda marchitada;
tal estaba la pálida doncella,
sin las rosas del rostro, y ya perdida
la blancura admirable con la vida.

Las hijas de Mondego, aquella oscura
muerte por mucho tiempo la lloráron;
y por memoria eterna, en fuente pura
las lágrimas lloradas transformáron:
y el nombre le pusieron, que aun le dura,
de amores de su Ines que allí pasaron.
Mirad qué fuente riega aquellas flores,
pues es el agua llanto, el nombre amores!

DON LAMBERTO GIL.

Ristampa del testo del 1873, nel quale è stata mantenuta l'ortografia originale.

«Inês de Castro» fu parte del canto III del poema Os Lusíadas pubblicato nel 1572.

Questo libro è un regalo offerto dalla TAP-AIR PORTUGAL.

INES DE CASTRO

Tu, bell'Ines gentil, tranquilla e queta
Tuoi begli anni godevi in quella cara
Illus̄ion dell'anima, a cui vieta
Lunga durata la fortuna avara.
Mira degli occhi tuoi la consueta
Luce il Mondego, e da te il monte impara
E il piano a replicar quel che nel petto
Porti scritto d'amor nome diletto.

Del tuo prence colà ti rispondea
L'innamorato spirito presente,
Che innanzi agli occhi suoi te ognor vedea,
Quando era pur da' tuoi begli occhi assente.
Di notte ei sogna la tua cara idea,
A te vola nel dì l'agil sua mente:
E quanto pensa insomma e quanto mira,
Tutto è memoria che dolcezza spir'a.

D'ogni dama regal bella e gentile
Il talamo rieusa pertinace;
Chè tu, Amor, tutto sprezzi e tieni a vile,
Quando servo a un bel volto il cor soggiace.
Del fantastico suo ritroso stile
La segreta cagion vede il sagace
Suo vecchio genitor, che molto cura
Pur la maligna popolar censura.

Toglier quindi alla vita Ines disegna
Per torle il figlio a sue bellezze preso,
Credendo che in quel sangue anco si spegna
L'amor in lui si ardemente acceso.
Ahi! qual furore acconsentì, la degna
Nobile spada, che sostenne il peso
Del poter Mauritan, contra una bella
Innocente levar debil donzella?

E già gli orrendi manigoldi innante
Traggona al re, che ne sentì pietade;
Ma con false ragion la imperversante
Plebe al crudo supplicio il persuade.
Ella è tutta accorata e sospirante
Per lo prence fedel, ch'altre contrade
Or tengon lungi, e per l'amata prole,
Cui, più che il morir suo, lasciar le duole.

E al cristallino ciel, misera! alzava
Gli occhi afflitti, di lagrime lucenti,...
Gli occhi, poi che le man le avvince e gravà
Di ferro un di que' truci empi sergenti:
Poi sovra i pargoletti gli abbassava
Figli suoi sì a lei cari e sì piacenti,
Che orfanelli di madre, ahi! già vedea,
E al lor avo crudel così dicea:

'Deh, se i bruti talor fieri animanti,
Cui fè natura di crudel talento;
Se gli augelli per l'aere volanti,
Che istinto han solo alle rapine intento,
Mostrar fûr visti a' tenerelli infanti
Spirto alcun di pietate e sentimento,
Come di Nino alla consorte, e come
Ai due, che a Roma origin diero e nome:

'Tu che umana hai sembianza e umano petto
(Se umano è a debil donna il viver tòrre,
Sol perchè fe' in amore a sè soggetto
Uom che a lei seppe un egual giogo imporre)
Di questi piccioletti abbi rispetto,
Se vuoi la madre a dura morte porre.
Abbi per loro alma benigna e pia,
Poi che non l'hai della innocenza mia!

E se vincendo il Mauritan furore,
A dar morte imparasti in guerra aperta,
Sappi ancora dar vita a chi d'errore
È scevro in tutto, e perderla non merta.
Che se, innocente anch'io, merto favore,
Pommi pure in qual vuoi spiaggia deserta,
Nell'arsa Libia o al freddo Tanai in riva,
Dovunque in somma in pianto eterno io viva:

'Pommi là dove tutto è feritate,
In fra tigri e leoni, e sì vedrai
Se saprò in essi ritrovar pietate,
Quella che in petti umani io non trovai;
Ivi queste di lui reliquie amate,
Di quell'uom, per cui sono in tanti guai,
Crescerò con amore, e della loro
Trista madre ei saran dolce ristoro.'

Commosso il re da que' pietosi accenti,
Ben mostrava a salvarla animo prono;
Ma quelle triste, infelonite genti,
E il suo destino le negâr perdono:
Già snudano le spade rilucenti
Quei che fatto sì reo tengon per buono.
Oh sanguinarii petti! oh! cavallieri,
Voi, contro a donna sì spietate e fieri?

Siccome incontro a Polissena bella,
Conforto estremo dell'antica madre,
Sta il crudo Pirro, apparecchiato in ella
A placar l'ombra dell'irato padre:
Essa qual paziente e mite agnella,
Guardando con le sue luci leggiadre
La genitrice che per duol delira,
Offresi al duro sacrificio, e spira:

Tal que' barbari bruti ucciditori
Nel collo d'alabastro, che reggea
L'opra, onde il cor conquiso avean gli amori
Del signor che regina indi la fea,
Bagnan le spade e que' candidi fiori
Troncan ch'ella di lagrime aspergea;
E in quell'ebro furor pensier non fanno
Qual poi castigo a sopportar n'avranno.

Ben potevi tu allor della celeste
Lampa la luce indi ritrarre, o sole,
Come già dalla mensa, ove Tieste
Cibò le carni della propria prole.
Voi, o cave convalli, che intendeste
Del freddo labro l'ultime parole,
A lungo il nome replicaste poi
Di Pedro, in che finîr gli accenti suoi.

Qual della bianca margherita il fiore
Colto anzi tempo, e dalla man lasciva
Di villanella brancicato, smuore,
E l'odor perde onde gradito oliva:
Così repente di mortal pallore
Quel sembiante gentil si ricopriva;
Le rose illanguidirono e sparita
La bianchezza de' gigli è con la vita.

Pianser lunga stagion l'alta sciagura
Le figlie del Mondegó, e delle sparse
Molte lagrime lor quivi una pura
Fonte, a ricordo eterno allor n'apparse;
E le diér nome, che tuttor le dura,
Degli amori, onde il petto ad Ines arse.
Mira il fresco ruscel, che irriga i fiori:
Lagrime è l'onda, e il nome suo gli Amori.

FELICE BELLOTTO.

Réimpression du texte de 1873, dans laquelle l'orthographe originale a été conservée.

«Inês de Castro» fait partie du chant III du poème Les Lusia-des publié en 1572.

Ce livre est un cadeau offert par la TAP-AIR PORTUGAL.

INEZ DE CASTRO

Au sein d'un doux repos, brillante de jeunesse,
Belle Inez, tu cueillais les fruits de ton printemps,
Dans cette erreur de l'âme aveugle enchanteresse,
Que la fortune helas! n'épargne pas longtemps:
Auprès du Mondego, témoin de ta tendresse,
Et dont les pleurs encore grossissent les torrents,
Tu répétais sans cesse au mont, à la prairie,
Le nom, que dans ton cœur fut gravé pour la vie.

De ton Prince en ces lieux le tendre souvenir
A chaque instant du jour répondait à ta flamme;
S'il s'éloigne de toi, son amoureux désir
Lui rappelle en tout temps l'image qui l'enflamme
Les rêves de la nuit à ses yeux vont l'offrir,
La clarté du soleil la retrace à son âme,
Et ses pensers errants de la nuit et du jour
Lui parlent de bonheur en lui parlant d'amour.

Il rejette les vœux et le noble hyménée
Des plus rares beautés, et des filles des rois,
Car dès qu'un doux regard tient notre âme enchainée
Amour, il n'est plus rien qui résiste à tes lois.
Mais hélas! au malheur sa vie est condamnée;
Alphonse de son fils a reprouvé le choix,
Et la raison d'état, et la voix populaire
Confirment les desseins de ce vieillard sévère.

Pour enlever le Prince à l'objet de ses vœux,
A l'innocente Inez il veut ravir la vie,
Le cruel dans son sang croit éteindre les feux
De cet ardent amour dont leur âme est remplie.
Quel transport a permis que le glaive fameux
Qui repoussa toujours la puissante furie
Des peuples du Croissant, puisse percer un cœur
Qui n'a que sa faiblesse hélas! pour défenseur?

Déjà voyant Inez par ses bourreaux trainée
Alphonse paraissait oublier sa fureur;
Mais la foule du peuple aveugle et force-née
Par de lugubres sons l'excite à la rigueur.
En cet instant fatal Inez infortunée
Trouve encor des accents pour peindre sa douleur,
Et pleurant cet amant qui ne vit que pour elle,
Et les gages chérirs de leur foi mutuelle:

On la vit au milieu des bourreaux inhumains
En levant vers le Ciel ses yeux baignés de larmes,
Ses yeux... (car les cruels par d'indignes liens
Ont outragé déjà sa faiblesse et ses charmes)
Ramener sur ses fils qu'elle voit orphelins,
Des regards maternels qui peignent ses alarmes;
Et dans son désespoir étouffant ses sanglots,
A leur cruel aïeul elle adresse ces mots:

'Si l'on a vu souvent ces animaux sauvages
Dont l'instinct naturel est la féroceité,
Et des oiseaux cruels qui plongent des nuages
Pour assouvir leur faim et leur rapacité,
Oubliant leur fureur et leurs sanglants usages
Secourir un enfant par leurs soins adopté;
S'ils ont de Romulus protégé la naissance,
Et si Semiramis leur dut son existence:

'Oh toi de qui l'aspect annonce un cœur humain,
S'il est humain, helas! d'égorger une femme
Dont le crime est d'avoir allumé dans le sein
De son amant les feux dont lui-même l'enflamme;
Ah! respecte du moins le malheureux destin
De ces faibles enfants dont la voix te réclame,
Et puissai-je devoir à leur tendre douleur
La pitié que n'a point inspiré mon malheur.

‘Et si ton bras vainqueur des guerriers d’Arabie
Au milieu des combats sait prodiguer la mort,
Que ta clémence aussi sache accorder la vie
A celle dont l’amour sans doute est le seul tort.
Si tu le veux, helas! dans la froide Scythie
Un éternel exil terminera mon sort,
Ou j’irai jusqu’au fond de la Lybie ardente
Achever dans les pleurs ma course languissante.

‘L’accent de mes douleurs pourra frapper les airs
Au milieu des lions, des tigres de Lybie,
Jirai leur demander dans leurs affreux déserts
La divine pitié que vos coeurs ont bannie.
Là j’irai consacrer à ces enfants si chers,
Fruit du plus tendre amour, les restes de ma vie;
Et je pourrai du moins libre dans mes soupirs,
Garder à mon amant d’éternels souvenirs!’

Le roi qui s’attendrit, cédant à la clémence
Veut en lui pardonnant la sauver du trépas;
Mais un destin fatal poursuivait l’innocence,
Et le peuple en fureur ne lui pardonne pas.
Les cruels qui d’Alphonse excitent la vengeance
De glaives meurtriers arment déjà leurs bras:
Féroces chevaliers, c’est donc contre une femme
Qu’un indigne fureur en ce jour vous enflamme?

C'est ainsi qu'immolant une jeune beauté,
Seul et dernier espoir de son antique mère,
L'implacable Pyrrhus par une atrocité
Vengeait dans Illion les manes de son père:
La victime soumise au vainqueur irrité
S'avance et se livrant à son destin sévère,
Regarde Hécube encore, qu'une extrême douleur
Prive du sentiment de ce dernier malheur.

De même se livrant à leur féroce rage
Les meurtriers d'Inez déchirent en ce jour
Ce sein où les amours qui lui rendent hommage
Ont eux même placé les chefs d'œuvre d'amour.
Ce ne sont que des pleurs qui baignent le rivage,
Le sang rougit déjà les fleurs de ce séjour;
Et l'assassin ignore en frappant la victime,
Que le jour n'est pas loin qui punira son crime.

Soleil, tu pouvais bien en ce jour de terreur
Refuser ta lumière à ce trépas funeste,
De même que jadis tu reculas d'horreur
A l'atroce festin du frère de Thyeste!
Solitaire témoin de cet affreux malheur
L'écho, de ces soupirs a recueilli le reste,
Et ces sombres vallons ont retenti longtemps
Du nom qu'elle invoquait en ces derniers instants.

Comme une tendre fleur que l'avide bergère
Arrache à peine éclose au souffle du Zéphyr,
Par son parfum si doux, sa fraîcheur passagère,
Et périt sur le sein qu'elle dût embellir;
Telle dès son printemps terminant sa carrière
On voit la jeune Inez à son dernier soupir,
Et déjà de son teint la rose s'est flétrie,
Et la douce chaleur s'exhale avec sa vie.

Aux bords du Mondego, berceau de ses amours,
Les Naiades en pleurs longtemps les célébrèrent,
Et près de ces rochers on voit couler toujours,
La source qui naquit des pleurs qu'elles versèrent:
Un ruisseau transparent garde jusqu'à nos jours
Encore le nom d'Inez que leurs voix consacrèrent;
Et ces bosquets touffus, ces rives et ces fleurs
Sont au nom des amours arrosés par des pleurs.

DUC DE PALMELLA.

Reprint of the 1873 text, with the orthographic originality still preserved.

The poem «Inês de Castro» forms part of canto III of the Lusiads published in 1572.

This book is offered by TAP-AIR PORTUGAL.

IGNEZ DE CASTRO

Beautiful Ignez, from the world apart,
In sweet fruition of thy youthful years,
While soft Mondego as he stole athwart
Thy path was brighten'd with thy happy tears,
Trusting that dear illusion of the heart
Which soon by Fortune's malice disappears,
Thou wert in whispers teaching hill and grove
The name engraven in thy breast by Love.

And faithfully thy prince's heart replied,
Deep in his soul was tenderness as true;
An e'en when absence to his sight denied
Thy lovely eyes, he held thee still in view;
By night in vivid dreams that sweetly lied,
By day in thoughts that ever round thee flew:
And all his thoughts and visions fancy free
Were one delightful memory of thee.

Illustrious beauties, dames of princely race,
In vain aspired to wed the royal heir:
True love, the slave of one bewitching face,
Can see no other that is half so fair.
The wary king, embarrass'd with the case,
And of his people's discontent aware,
Look'd on this passion with an old man's eye,
And doom'd the enchantress of his son to die.

The light extinguish'd of those eyes adored,
So might the prince's fantasy expire:
As if the blood of innocence out-pour'd
Could slake an inextinguishable fire!
What fury could consent that the keen sword
Which all the weight could bear of Moslem ire,
Should serve so savage and so mean a part
Against a weak defenceless woman's heart?

Grim emissaries dragg'd her to the king,
Who seeing, pitied:—but around him stood
His demons, an inexorable ring
Of false accusers clamorous for blood.
She, while her lips in prayer were quivering,
Prayer wrung from yearning love's solicitude
For those whom she must leave, her sons, her lord,
Whose grief cut deeper than the dreaded sword;

With piteous tearful eyes beseeching gazed
Upon the crystal firmament awhile;—
Her eyes alone not hands to heaven were raised,
Restrain'd by one of the tormentors vile—
Then cast upon her infant sons amazed,
Orfans so soon to be, a fearful smile,
And, all the mother in her heart on fire,
She thus address'd the Father of their Sire.

'If savage brutes by instinct taught to slay,
By Nature's self instructed not to spare;
If vagrant birds that hovering watch for prey,
Or chase their quarry through the yielding air;
Touch'd with compassion have been known to pay
To babes forsaken all a nurse's care
(Witness Semiramis a desert-child,
And Rome's twin-founders suckled in the wild):

'O Thou whose looks are human, if indeed
Out of a human breast the thought could start,
That dooms a woman, young and weak, to bleed,
Only for having won her conqueror's heart,
Look on his babes! their innocence may plead,
Blind to the hapless mother's as thou art;
Though, pitiless, her death thou would'st decree,
Behold these infants and commiserate me.

'And if thou knowest on thy foe the Moor
To deal avenging death by glaive and fire,
Know too the strength of mercy, and restore
Life unto one who merits not thine ire.
Or cast me forth on some terrific shore,
If innocence deserve a fate so dire,
To freeze in Scythia or in Lybia burn,
A weeping exile never to return.

'Place me where cruelty is nature's law,
With lions and with tigers: I may then
Learn whether woman's misery can awe
Wild beasts to mercy sought in vain of men.
There, with the will that love alone can draw.
I'll rear my young, their nursery a den:
True till the last to him for whom I die,
Sad solace of a mother's agony.'

The King was moved; those touching words inclined
His heart the cruel sentence to repeal;
But fierce accusers turn'd his wavering mind,
And her own destiny inflamed their zeal.
Forth leap the glittering swords of men who find
Pretext for murder in the public weal.
Out on ye, ruffians; swords against a dame!
Oh, unexampled butchers, knighthood's shame!

On mild Polyxena, the young and fair,
And last fond comfort of a mother old,
As ruthless Pyrrhus rush'd with weapon bare,
That so Achilles' shade might be consoled:
While she, with eyes whose beauty charm'd the air,
Meek as a lamb devoted from the fold,
Gazed on her parent frantic with the woe,
And unresisting took the fatal blow:

On Ignez thus the brute assassins fall;
The distant vengeance startles not their fears;
They dye their swords—and the white flowers that all
Beneath her yet were trembling from her tears—
With blood of her white neck; the column tall
Of that fair head whose charms in after years
Pursued her lover still, a haunting fate,
Until he crown'd her corse his queenly mate.

Well mightest thou, O Sun! at such a sight
Thy course that day indignant have reversed;
As once recoil'd thy horror-stricken light
From vengeful Atreus and the feast accursed.
Ye hollow vales that shudder'd with affright,
The last shrill cry that from her anguish burst,
Her Pedro's name, invoked in death, ye heard,
And all your echoes trembled with the word.

As when a girl to prank her glossy hair,
Caught with the morning lustre of a flower,
Some tender bud surpassing rich and rare,
Plucks in her haste, it withers in an hour,—
So perish'd Ignez, for a face too fair,
Bending beneath of death the ruthless power;
Gone from her cheek the hues that play'd at strife,
The white, the red, gone, gone with her sweet life.

Mondego's Naiads, long disconsolate,
Wept in remembrance of their Ignez dead,
And, for eternal memory of her fate,
Changed to a crystal spring the tears they shed.
That spring, from Ignez' loves and hapless state,
'The Fount of Love' they named by pity led.
Think how the flowers around that fountain gleam
Where tears the waters are, and love the name.

ED. QUILLINAN.

Nachdruck des Textes aus dem Jahre 1873, dessen ortographische Eigentümlichkeit beibehalten wurde.

Die Dichtung «Inês de Castro» ist ein Teil des Gesanges III der Lusiaden, die 1572 veröffentlicht wurden.

Dieses Buch ist ein Geschenk der TAP-AIR PORTUGAL.

Ines de Castro

In Ruh, o Ines, warest du gebettet,
Da du der Jahre frühe Frucht gepflückt,
An einen heitern, blinden Traum gefettet,
Den dir das Schicksal, Hölde, bald entrückt,
In des Mondego Blüthenaum gerettet,
Die deines schönen Auges Thau beglückt,
Wo du Gebirg' und Thal' in frühen Schmerzen
Den Namen lehrtest, der dir lebt' im Herzen;

Wo die Grimm'rungen dir wiederhallten,
Die deines Fürsten Seele mild umschwebt,
Die stets dein Bild vor seinem Aug' entfalten,
Wann er den schönen Augen ferne lebt,
Die in Gedanken Tags vorüberwallten,
Die Nachts in Träumen täuschend ihn umweht;
Denn Alles, was er fann und was er schaute,
War ihm ein froh Gedächtniß an die Traute.

Um andrer Frauen heißen sehnte Liebe,
Der Fürsten schöne Töchter buhlt er nicht:
Wo wär' ein Wunsch, o Amor, der dir bliebe,
Wann dich bezwang Ein holdes Angesicht?
Doch kaum gewahrte die verliebten Triebe
Der Vater, der mit hellem Geisteslicht,
Ein fluger Greis, des Volkes Murren achtet,
Und wie sein Sohn nach keiner Gattin trachtet;

Da denkt er Ines auch der Welt zu rauben,
Und ihr den Sohn, um den sie Fesseln wand;
Im Blute nur, so hegt er festen Glauben,
Ertödt' er auch so treuer Liebe Brand.
Ha welch ein Wahnsinn mocht' es ihm erlauben,
Die scharfe Klinge, die den Sturm bestand
Der Mohrenwuth, mit grimmigem Erboßen
In eines Weibes zarte Brust zu stoßen?

Es schleppen sie die rauhen Henkerknechte
Zum Herrn, den Mitleid schon gefangen nimmt,
Doch bald mit trozig falschem Wortgefichte
Das Volk zu grausem Todesspruch bestimmt.
Mit frommer Rede traurig eitlem Rechte,
Zu der sie Gram um ihren Fürsten stimmt,
Gram um die Söhne, die sie lässt in Trauer:
(Was mehr, als eigner Tod, sie füllt mit Schauer):

Erhob sie thränenvoll die frommen Blicke
Der Augen zu des Himmels hellem Licht,
Der Augen; denn die Hände band in Stricke
Des rauhen Henkerknechtes harte Pflicht.
Und wie das Herz im kläglichen Geschicke
Der Kleinen ihr voll banger Ahnung bricht,
Begann sie so, zum grausen Ahn sich wendend,
Den Lieblichen die letzten Blicke spendend:

Wenn wilde Thiere, die zu rohem Hange
Der Grausamkeit schon die Natur erzieht,
Wenn Raubgevögel, die in heiζem Drange
Nach Beute nur durchziehn der Lust Gebiet,
Zu zarten Säuglingen mitleidig bange
Die Neigung fromm besorgter Liebe zieht,
Wie man von Ninus Mutter hat verkündet,
Und von den Brüdern, welche Rom gegründet:

O du, von Antliz menschlich und Gemüthe!
(Wenn menschlich heißt, auf eines Weibes Brust
Den Dolch zu zücken, weil ein Herz ihr glühte,
Das sie mit Liebe zu umfahn gewußt);
Blick' auf die kleinen Sproffen hier mit Güte,
Da dich mein dunkler Tod erfüllt mit Lust;
Mög' ihre Zartheit dich und meine rühren,
Fühlst du für Unschuld nicht ein menschlich Rühren!

Und wenn du in der Siege stolzem Prangen
Den Mohren Tod mit Flamm' und Schwert gebracht,
Laß auch voll Gnade Leben sie empfangen,
Die nie das Todeswürdige vollbracht;
Und kann die Unschuld dies von dir erlangen,
Verdamme mich zu freudloser Acht
In Scythia's Eis, in Libya's heiße Zone,
Damit ich dort in Thränen ewig wohne!

Verbanne mich in aller Wildheit Schauern,
Zu Leu'n und Tigern; und ich werde sehn
Ob etwa mir von diesen wird Bedauern,
Das ich von Menschen nimmer mocht' erflehn.
Dort in der Lieb' herzinnig heißem Trauern
Um Ihn, für den ich soll zum Tode gehn,
Will ich ihm aufziehn diese zarten Sprossen,
Der Mutter Trost und ihres Harms Genossen.

Mit Schonung will der König sie beglücken,
Von ihrer Worte sanftem Schmerz gerührt;
Doch wehrt sein Volk und ihres Looses Lücken,
Daß er des Herzens Wunsch zum Ziele führt.
Schon sieht man sie die blanken Schwerter zücken,
Als würde hier ein edles Werk vollführt:
Ihr Henkerseelen wollt an einem Weibe
Erproben, welch ein Rittermuth euch treibe?

Wie Pyrrus wider die gepries'ne Blüte
Polixena's, der alten Mutter werth
Als letzter Trost, mit rauhem Stahl erglühte
Die weil Achilles Schatte sie begehrt,
Und gleich dem Lämme, voll Geduld und Güte,
Sie jenes Auge, das die Lüfte flärt,
Zur Mutter kehrt, die Wahnsinn schon durchflutet,
Und willig dann, ein grauses Opfer, blutet;

So wider Ines hier die Mörderhorde;
Im Marmorhalse, von dem Reiz beseeelt,
Wodurch sie jenen an Mondego's Vorde
Bezwang, der ihr als Gatte war vermählt,
Versenkten sie den Stahl; im grauen Morde
Fiel, durch der Frevler grimme Wuth entseelt,
Die weiße Blüthe, feucht von Tränen schauer:
Sie denken nicht an Strafen ew'ger Dauer.

Wohl hast, o Sonne, du mit deinem Strahle
Von dieses Tages Schau dich abgewandt,
Wie von der Söhne blutbeflecktem Mahle,
Das dem Thyestes bot des Bruders Hand:
Noch höret ihr, o schöngewundne Thale,
Das letzte Wort, aus falter Lipp' entsandt;
Den Namen ihres Pedro hört ihr schallen,
Daz eure Räum' ihn ferne wiederhallen.

Wie eine Blum', in weißer Schöne prangend,
Die vor der Zeit das zarte Mädchen bricht,
Mit losen Händen sie vom Zweige langend,
Und sich zum Kranz für Brust und Stirne flieht—
Ihr Duft entweicht, die Farbe blaßt erbangend:
So war der Todten bleiches Angesicht;
Der Wange Rosen welkten hin und starben,
Und mit dem Odem flohn die Lebensfarben.

Noch lange werden an Mondego's Welle
Die Jungfrau'n ihrem Tode Thränen weih'n,
Und diese Thränen, die zum Silberquelle
Sich wandeln, ihr ein ewig Zeugniß sein:
Von Ines Lieb', erblüht an dieser Stelle,
Wird man den Namen, der noch dauert, ihm leih'n:
Seht hier die Quelle Blumen wässernd nähren;
Lieb' ist ihr Nam' und ihre Welle Zähren.

J. J. C. Donner.

*Herdruk van een tekst uit 1873 in de originele spelling.
Het gedicht «Inês de Castro» maakt deel uit van het derde
gedeelte van Os Lusiadas die in 1572 voor het eerst werden
uitgegeven.*

Dit boek wordt u aangeboden door TAP-AIR PORTUGAL.

INES DE CASTRO

Aanminnige Ines mocht den zoeten voorgeur smaken
Van de eerste bloem der Jeugd, ontlijkende op haar kaken,
In die bedriegbre hoop, die kalme vreugd van't hart,
Die 't wreevle Lot niet duldt dan tot verzwaar van smart.
Mondegoos frissche stroom zag in zijn vruchtbre dalen
Haar schoon en teder oog langs beemd en heide dwalen
Terwijl zy't steil gebergt'en de echoos om haar heen
Den naam herhalen leerde, in 't minnend hart gesneên.

Die min beandwoordt hy, van wedermin aan 't blaken,
Die, mocht hy 't, voor die min de Rijkskroon zou verzaken
Die 't jeugdig hoofd verwacht, Alfon zus dierbre Zoon.
Zijn ziel gevoelt alleen voor Haar betoovrend schoon.
Dat waart hem steeds voor 't oog in zoete hersenbeelden,
In strelend nachtbedrog van droomen vol van weelden;
En wat hy hoort of ziet, of met zijn' geest ontwaart,
't Is Ines, zy'-alleen, zijn eenig heil op aard.

Geen hoogstbegeerbre hand van machtige Vorstinnen,
Of Pedro slaat haar af. Wat zou zijn ziel beminnen!
Wat is er, zuivre min, het geen gy niet veracht,
Waar eens 't vermeesterd hart zich opgeeft aan uw macht!—
Van 't glansrijkst echontwerp voor zijnen Zoon bevangen,
Door 't Vaderhart gepord, genoopt door staatsbelangen,
Ziet de oude Vorst dien Zoon zich weigren aan zijn' wil,
En hoort des Volks gemor om 's Prinsen liefdegril.

Vergramd, besluit hy straks des minnaars plichtverbreken
Op 't zoo gevvaarlijk schoon der minnares te wreken,
Verzekerd dat alleen het plengen van haar bloed
De vlam versmooren kan van zulk een' liefdegloed.
Helaas! wat razerny heeft hier dat zwaard geheven,
Dar eertijds in zijn hand het Moorsch geweld deed beven,
En thands, de spijt ten dienst van d'opgeruiden Vorst,
Een weerloos offer dreigt en schuldelooze borst!

Voor 's Konings theroon gesleept door woedende barbaren,
Vermurwt zy 't Vorstlijk hart: het helt om haar te sparen,
Maar 't wreed, onmenschlijk volk, door helsche drift gespoord,
Raast woedende om den theroon en dringt op Ines moord.
In 't deerlijkst angstgeschrei en hartbeweeglijkst klagen,
By 't afzijn van den Prins in ketenen geslagen,
Beschouwt zij 't tweetal zoons, de pandtjens van zijn min,
En wanhoop neemt haar hart, maar voor haar zelv' niet in.

Naar's hemels kristallijn verheft zy schreiende oogen,
Ach! oogen, welker blik een' rotssteen had bewogen,
Het harde staal vermurwd, eens tijgers hart geroerd;
(Helaas! de keten hield haar handen vastgesnoerd.)
Dan werpt zy ze op het kroost, zoo minlijk, zoo onnoozel,
Haar prangende om de kniën met kinderlijk gekozen:
'Zy Weezen (roept zy uit)! ô Hemel, ach! verhoe't!'
En voert dees veege taal hunn' Grootvaâr in't gemoet:—

'Zoo't grimmig ongediert, geschapen tot verdelgen,
Wier leven moorden is, en vlietend bloed te zwelgen—
Zoo't roofgevogelt'-zelf, dat, drijvende op zijn pluim,
Op prooi en slachting aast in't ledig hemelruim,
Den kreet der onschuld hoorde, en, vatbaar voor haar kermen,
't Verlaten wichtjen redde, uit moederlijk erberman;—
Zoo't Oosten op de duif van Ninus kindschheid boogt,
Of de uier der Wolvin den tweeling heeft gezoogd;—

'ô Gy, in wien 't gelaat een menschlijk hart doet wachten,
(Zoo't menschlijk is, een vrouw (onweerbre vrouw!) te slachten,
Om dat haar weeke borst voor teedren gloed bezweek,)
Ontzie hun kermende angst en kinderlijk gesmeek!
Weet uw verwinnende arm uw' scepter uit te breiden,
Op al wat weérstand biedt verderf en dood te spreiden,
ô Voeg barmhartigheid by deugden zoo beroemd,
En geef haar 't leven weér, die uw gestrengheid doemt;

'Verban me in't Schytischijjs, in 's warelds middaggloeiien,
Om eindloos, zonder hoop, in tranen weg te vloeien:
Sluit me in, in 't midden van 't afgrijslijkst woudgediert,
Waar leeuw en tijgerwelp van dorst en honger giert.
Licht dat die tranen iets op 't tijgerhart vermogen,
Die hier geen menschlijk hart, geen vaderhart bewogen:
Daar lonk'me in 't lief gelaat van mijn onnoozel kroost,
De man voor wien ik sterf, nog laafnis toe en troost!'—

Alfon zus is geroerd; hy voelt het hart zich breken;
Vergeven zal hy—? ach! hy moet zijn grootheid wreken,
En 't wederbarstig volk, of 't onverbidlijk lot,
Gedoogt die zachtheid niet. Het gruwzaam beulenrot,
(De Grooten van zijn Hof, ô onbesefbaar woeden,
Wie plicht en Riddereed d'onnoozle dwingt te hoeden!)
Rukt, tegens schoonheid, deugd, en huwelijkstrouw, en eer,
Het moordend lemmer uit, en Ines is niet meer!

Zoo plengde op Trojes asch, van Pyrrhus hand doorstoten,
Haars moeders laatste troost uit vijftig huwlijksloten,
(Een lijdzaam lam gelijk, voor 't slachtmes opgevoed)
De teedre Polyxeen, haar onbezoedeld bloed,
En bood, den wrok ten zoen, die onuitbluschlijk brandde,
Achilles wreede schim een maagdlijke offerande.

Zoo, Ines, vielt gy ook, ten prooi van laffen moord.
Die boezem golft niet meer, van 't vlijmend staal doorboord
Die paarlen en albast in zuiverheid beschaamde,
Waar liefde, en trouw, en deugd, op zetelde en in aâmde.
Die oogen, in wier glans een hemel zich ontsloot,
Zijn toegemuurd voor 't licht, ontluisterd door de dood.
Den woestaarts koomt niet op in de onbeweegbre harten,
Dat Pedro, Pedro leeft, en welk een wraak zy tarten.

Gy, zag uw alziend oog die heillooze ondaad aan,
ô Gy, wiens vlekloos licht te rug weekt op zijn baan,
Wanneer gy 't kroost, als spijs, den Vader aan zaagt richten,
En kost ge, ô zuivre Zon, dit gruwelstuk verlichten?
En gy, valleien, gy, ô rotsgalm, die in 't rond
Den naam van Pedro hoorde uit haar bestorven' mond
(Terwijl zy nederzeeg) en duizendwerv' herhaalde,
Wat deed het, dat uw stem niet met dien naam verstaalde?

Helaas! gelijk de bloem, die 't weidende oog verrukt,
Door de onbescheiden hand van 't steeltjen afgeplukt,
Op 't Maagdlijk hoofd verwelkt, van glans en kleur verstoken,
Zoo ligt de onnoozle daar, ontijdig afgebroken.
De Lenteroos verdween van 't hemelschoon gelaat,
En 't loodblaauw zwolg den gloed van 't levende inkarnaat.

Mondegoos dal verstomt, van diepen rouw bevangen:
Geen blos, geen lachjen meer versiert der maagden wangen:
Geen rei, geen maatzang meer, geen feestgalm wordt gehoord.
Heur tranen vloeien slechts. Zy vloeien eeuwig voort,
En vlieten tot een bron, aan wier verglaasde plassen
Het spiegelend bloemtjen treurt, met majolein doorwassen;
Wier altijd ziltig nat haar oorsprong niet verzaakt,
En Ines gruwzaam eind den nazaat kenbaar maakt.

WILLEM BILDERDIJK.

Aterupptryckning av text från 1873, i vilken den originala ortografin har bibehållits.

Dikten «Inês de Castro» är et utdrag ur tredje sången från Lucitanerne, utgiven 1572.

Denna bok är en gava från TAP-AIR PORTUGAL.

INEZ DE CASTRO

Du täcka Inez! gick så lugnt och stilla
Din lefnadsväg, af ungdomsglädjen banad;
Du lefde lycklig i din drömverlds villa,
Der hvarje fröjd, men ingen sorg var anad;
Greps du af längtan, gick du, att den stilla
Ut i Mondegos ängd, för kärlek danad,
Och berg och dal det kära namnet lärde,
Som var ditt hjertas skatt, din lefnads värde.

Och jemnt kring dig din furstes tankar jaga;
Med dig till himlens sällhet de sig höja;
De af din bild sin bästa näring taga.
Hur gläds hans hjerta att i allt dig röja!
I nattens ljufva drömmar, som bedraga;
I dagens tankar, som så flyktigt dröja;
Hvad helst han skådar och hvad helst han tänker,
Åt allt ditt minne fröjd och fägring skänker.

Trots folkets önskan till gemål han aktar
Hvar kungadotter emot dig för ringa;
Dig trogen, andras fägring han föraktar;
Så kärlek kan det rena bröst betvinga.
Den gamle, stränge fadren, som betraktar
Med undran sonens nyck, vill folket bringa
Till tystnad, och sin son, som sällhet njuter,
Till värdigare val, och raskt besluter,

Att Inez—kan derhän sig grymhet sträcka!—
Från verlden och sin son för evigt sända;
Med hennes blod han hoppades att släcka
Den kärlekslåga, som hon mäktat tända.
O raseri!—det svärd, som från att väcka
De Morers skräck, fått hem med seger vända—
Skall detta ädra svärd man lyftadt finna
Emot en svag, en skön, en ädel qvinna?!

De hemska bödlarne den arma föra
För konungen, som rörd till miskund blifver;
Men folkets vilda rop han måste höra,
De fordra hennes död med ökad ifver.
Nu med en röst, som kunde klippan röra,
Sitt qvaluppfyllda hjerta luft hon gifver.
Blott på sin prins och sina barn hon tänker,
På eget öde ej en blick hon sänker.

De milda ögon, hvari tårar bäfva,
Mot himlen, ren som de, den fromma höjer;
Hon sina händer mäktar icke häfva,
Ty tunga bojan dem mot jorden böjer.
Kring hennes söner sorgsna tankar sväfva;
Dess hela själ vid deras öde dröjer.
De arma små!—att så sin moder mista!—
Nu vänd till kungen hörs hon så utbrista:

"Om vilda djur, dem intet tycks beveka,
Dem af naturen mord och blod behaga;
Om dessa foglar, som all ömhet neka,
Och efter rof med blodig lystnad jaga;
Vid åsyn utaf barn sig känna veka
Och ömt sig vårda om de späda svaga,
Som de med Nini moder fordom visat,
Och med de två, dem Rom som upphof prisat;

O Du! hvem Gud ett menskohjerta gifvit,
—Om menskligt är, att mörda värlös qvinna
För det hon dyrbar för den furste blifvit,
Som hennes kärlek vetat så att vinna—
Låt dessa små, som intet ondt bedrifvit,
Då jag är död, ett skyddsvärn i Dig finna!
För deras skull, för min skull Dig förbarma!
Hör oskulden, den talar för oss arma!

Om Du, att Morers röfvarhop betvinga,
Med eld och svärd en rättvis död utbredde,
Med nåd Du lif kan ock åt henne bringa,
Som ej sin dödsdom med ett brott beredde;
Men om min oskuldsbön du aktar ringa,
Var nöjd, om man i landsflykt bort mig ledde,
Der Scythien fryser eller Libyen brinner;
Mitt lif oskadligt der i gråt förrinner.

Sätt mig der öknens vilda sandfält häfves
Bland Lejon och bland Tigrar, der att pröfva
Bland dem, hvad jag bland menskor sökt förgäfves,
Om de mot mig ej vilja miskund öfva;
Der med den inre kärlek, som ej qväfves,
För den du här mig lifvet vill beröfva,
Jag vårda skall hans barn i alla öden.
Och minnas honom till en tröst i nöden.”

Af talet rörd vill konungen benåda;
Men hennes ord blott folkets hjertan isa;
—Så ödet vill,—till mord de kungen råda:
De ej medlidande med henne visa.
Och se nu blottas skarpa dolkars våda
Af riddare, som sådan dåd beprisa,
Emot en qvinna.—Bödlar!—o att bära
Ett riddersnamn och äga tigrens ära!

Som Pyrrhus mot den täcka Polyxena,
Den gamla modrens sista glädje, höjde
Det grymma mordjern i den tro allena,
Att *så* Achillis maner han fornöjde;
Men hon med blickar, liksom engelns, rena
Log tröst åt modren, som förtviflan röjde,
Och likt ett menlöst lam sågs tåligt skrida
Till bålet hän, att offerdöden lida!

Så mördarne mot Inez. Dolkar funnit
Till hjertat väg, att der det brott försona,
Att hon den furstes ädla kärlek vunnit,
Som smyckat henne se'n med drottningeskrona
Ur stocknadt öga sista tåren runnit,
Och dödens liljor funnos blott att skona;
Men mördarne ännu sig blodbestänka;
På straff, som komma, ej de vilde tänka.

O sol! hvem undrar om du nu från jorden
Från denna åsyn bort din stråblick vänder,
Som från Thyestis spis den vänd är vorden,
Då barnen sattes fram af Atrei händer.
J djupa dalar! som förnimmen orden,
De sista hon från kalla läppar sänder,
Upprepen Pedros namn, som då J lärden,
I långa sekler än för häpna verlden!

Som på en ros, då den som fagrast brinner,
—Allt fägringstillstånd är för blomman farligt—
Om från dess stjelk man henne sliten finner
Af ystra händer hastigt och ovarligt,
All färg förbleknar, allt behag försvinner;
Så ock för flickan, våldsamt borttryckt, snarligt
Dör purpur'n bort, som kinden fägring gifvit,
Och lifvets färg flyr med det ljufva lifvet.

I långlig tid Mondegos döttrar alla
Med gråt omtala denna hemska döden;
Och deras tårar, som så ymnigt falla,
Förvandlas till en källas rena flöden.
Skön Inez kärlek de den källan kalla
Till evigt minne af den huldas öden.
Än stå kring källan blommor daggbestänkte;
Sorg gaf den vattnet, kärlek namnet skänkte

NILS LOVÉN.

Genoptryk af tekst fra 1873, hvori den originale ortografi er bibeholdt.

Digtet «Inês de Castro» er et uddrag af den 3. sang fra Lucitanerne, udgivet i 1572.

Denne bog er en gave fra TAP-AIR PORTUGAL.

INES DE CASTRO

I Rolighed Du, skjonne Ines, smiler,
Din Ungdoms fagre Frugter Du afplukker,
I glade Tryllerier Du heniler,
For hvilke Skjøbnen snart Dit Øje lukker;
Dit løngselsfulde Hjerte aldrig hviler,
Du i Mondegos Egne for ham sukker,
Med Ømhed hvert et Bjerg, hver Dal Du lørte
Det Navn, som stedse gjemtes i Dit Hjerte.

Der blide Phantasier Dig fornøje,
Som kjørligen Din Fyrstes Sjøl indhylle,
De stedse føre Dig hen for hans Øje,
Og fjernt ham Dine skjønne Blikke trylle,
Om Natten Drømme denne Fryd forhøje,
Om Dagen Tanker yde Gloeden Fylde,
Alt hvad han tænker sig, Alt hvad han skuer,
Erindrings Glæde i hans Barm opluer.

Med skjønneste Prindsesser eller Fruer
Den ønskede Forening agtes ringe,
Alt, rene Elskov, med Foragt Du skuer,
Naar eet blidt Aasyn Dig kan undertvinge.
Men denne Kjerlighed med Vrede truer
Den kloge Fader, som til Ro vil bringe
Nationens Murren, Sønnens Phantasier,
Der med hvert Ønske om en Brud end tier.

Fra Jorden Ines røve han bestemmer,
Sin Søn fra hende, som ham holder bunden,
Med hendes Blod han troer, han hende glemmer,
At Elskovs hele Lue er forsvunden.
O Raseri, som Jordens Magt beskjømmer,
Det Sværd, som før har Mohrer overvunden,
At drage det,—det var Din Kjøkheds Minde!—
Imod en svag, en skjøn, en ødel Qvinde!

De skrækkelige Bødler hende føre
For Kongen, som alt føler Medynks Smerte,
Men Folkets vilde Raab han maa bønhøre,
Som hendes Død med Grusomhed begjerte.
Hun nu med Sørgmods Ord Enhver maa røre,
De vise hendes Qval og ømme Hjerte;
Meer for sin Prinds og Børn, som Uheld truer,
End for sin egen Død den Ædle gruer.

Mod Himlens rene, klare Blaa hun hœver
Med Taarer sit saa skjønne, fromme Øje,
Sit Øje,—hendes Haand i Loenker bœver,
Og haarde Bødler hendes Qval forhøje.
Paa de saa elskte Smaa med Ømhed svœver
Et Moderblik og Qvaler hende bøje.
Forladte Moderløse hun sig maler,
Hun nu til deres Bedstefader taler:

« Om vilde Dyr, som i Naturens Rige
Til Grusomhed alene skabte ere,
Og om Rovfugle, som i Luften stige,
Kun for at faae et Bytte, de fortære,
Dog aldrig fra de svage Spoede vige,
Men stedse kjoerlig Omhu for dem bære,
Som man om Ninus's Moder fordum sagde,
Og om de Brødre, der Roms Grundvold lagde;

Saa lad Du, som af Menneske har Hjerte,
(Hvis mennesk'ligt det er, den svage Qvinde
At drœbe, hvem kun Elskov ene lærte
Et evigelsket Hjerte overvinde),
Saa lad de Smaa, o hør hvad jeg begjerte
Da jeg skal døe, Beskytter i Dig finde!
For deres Skyld, for min Skyld Dig forbarme!
Er Uskyld ingen Talsmand for os Arme?

Om Du, for Mohrers Skare at betvinge
Med Ilden og med Sværdet, Død udbredte,
Du ogsaa Liv til den med Mildhed bringe,
Som ingen Brøde nogen Tid forledte!
Men, kan ej Uskylds Røst sig til Dig svinge,
I evige Forviisning Du mig sætte,
I kolde Scythien, i lybisk Hede! –
Haabløse Taare vidne om Din Vrede!

Du sende mig til et barbariskt Øde,
Blandt Løver, Tigre, og jeg vil forsøge,
Om Medynk der mig i et Liv kan møde,
Hvis Lidelser kun Mennesker forøge,
Der skal min Barm den vante Ild opgløde,
Som er min Død; med Taarer skal jeg spøge,
Naar jeg kan pleje som en kjærlig Moder
Den Evigelsktes dyrebare Poder. »

Den rørte Konge gjerne vil benaade,
Ham hendes øengstelige Ord bevøge;
Haardnakket Folk og hendes Skjæbne raade,
Ej Haab om Redning kan den Arme qvøge;
De skarpe Svæerde drages paa en Maade,
Som skal de idelt Godt nu her indprøge.
En øedel Qvinde vil I grusomt qvøle,
Og være Riddere, I Bøddelsjøle?

Som med den skjønne Mő, hiin Polyxene,
Da gamle Moder hun med Trøst husvaler,
Grusomme Pyrrhus drager Sværdet, ene
Fordi Achilles's Skygge det befaler,
Hun føester sine Øjne, himmelskrene,
Af hvilke Fromhed, som af Lammets, taler,
Hvert Blik paa arme Moder heftet bliver,
Til Offerdøden hun sig overgiver;

Saa imod Ines disse Bødler vare,
Som fræk og grusomt deres Sværde droge;
Ej øengstedes for Straf den Morderskare,
I skjønne Barm det kolde Staal de joge,
End hang fra blide Øje Taarer svare
Paa hviden Blomst, som Røverne nedsløge,
Den Blomst, som her en Kongesøn har vundet,
Og selv i Graven Diademet fundet.

Vel Du, o Sol, som denne Jord forskjönner,
Fra saadant Syn Din sidste Straale vender,
Som da Thyest fortæred' sine Sønner,
Fremsatte af en grusom Broders Høender.
O skyggefulde Dale, hendes Bønner,
De sidste Ord, den kolde Lœbe sender
Til Himlen, Pedros Navn foruden Klage,
I løenge, løenge hørtes tro gjentage.

Liig spøede Blomst, som før deres Tid oprykke
De kaade Høender, de mishandle denne,
Der er sin Egns snehvide, skjønne Smykke,
For Krandsens bedste Pryd de den erkjende,
Dens Vellugt svinder, Farvens Glands er Skygge,
Saa var i Dødens Favn hiin Mø den vöene.
Henvisnet Rosen er paa hendes Kinder,
Med Livet livlig-hvide Farve svinder.

Mondegos Døttre løenge ved at groede
Den elskte Ines' s mørke Død erindred'
Til Minde sees en Kilde Egnen vöede,
Frembragt af Taarerne, som Smerten lindred',
De gav den Navn end kjendt i dette Søde,
Af Ines's rene Elskov her den tindred'.
See dette Voeld, som fagre Blomster noerer,
Dets Vand er Taarer, Elskovs Navn det bører.

H. V. LUNDBYE.

1873-i szövegnek újranyomása, amelyben az eredeti helyesírást megőrzötték.

Az «Inês de Castro» az 1572- ben megjelent Luziádának harmadik énekének egy része.

Ezt a könyvet a TAP-AIR PORTUGAL ajándékba.

INEZ DE CASTRO

Békén valál szelíd Inez, s nyugodtan,
Ifjú korodnak mézgyümölesin élve,
Lelked vidám álmokba ringatottan,
Miket a sors korán lebbente félre!
S Mondégo partján, hol a hűs habokban
Még nem találni könnyed özönére,
Hangoztatád virányon és berekben
Annak nevét, kit őrzél hű szivedben.

Rá herczeged ábrándjai felelnek,
Melyek körül rajongnak egyre téged:
Fényét ha nem láthatja szép szemednek,
Föltüntetik szemébe szende képed,
Éjente hazug álmokúl lebegnek,
S feléd csapongnak ismét, hogyha ébred;—
Mind, mind, a mit csak gondolt, a mit érzett,
Lelkébe üdvöt kelt s szerelmi élvet.

Szép herczegasszonyokra nem sovárgott,
Nincs hölgy, kinek jegy-gyűrűjét kivánja;
Hő szerelem! megvetsz bármily virágot,
Ha szende arcnak ígéz már bübája.
De apja így nem nézi a világot,
S hallván, hogy a nép már morog reája,
S látván, hogy a fiú elkeseredve,
S mátkát keresni semmi, semmi kedve:

Ím elhatározá Inez halálát,
Vélvén, hogy a fiúnak így megoldja
Békít, és kigyűlt szerelme lángját
Undok halál vérével majd eloltja.
A hősi kard a mórok vad tusaját
Megbírta úgy, hogy eddig semmi foltja,
S most szende, gyöngéd hölgyre fenve éle?
—Hová ragadta bőszült szenvedélye?!

Rémes poroszlók hurczolják magokkal—
Könyör lopódzik a király szivébe,
De vad zsibajjal és galád okokkal
Izgatja véres gyilkosságra népe.
Nem hajt Inez halállal, nem kinokkal,
S ha nyílik ajka, szívrázó beszéde
Csak herczegét, csak magzatit siratja,
Értök sovárog minden gondolatja.

És fölveté a kristály tiszta égre
Esdő szemét—és könnye sűrűn omla—
Igen, szemét, mert halavány kezére
Kötélt fűzött már egy mogorva szolga;
Aztán, kiket nem vonhat már ölére,
A drága kisdedek felé hajolva,
Gyötrelmiben, hogy árváságra hagyja,
Keményszívű ipának ezt sohajtja:

«Még a vad is, mely erdők rejtekében
Vérszomjas ösztönének hajt szavára,
Meg a madár, mely odafenn a légben
Zsákmányait mohón keringve várja,
A csecsemőt kiméli vak dühében,
Sót szánja, védi, gondja van reája
—Mint Nínus anyjának gondját viselték
S az ikrekét, kik ős Rómát emelték—:

S te, emberi arczzal, kebellel áldva
(Ha emberi, ölösben lelni kedvet,
S gyilkolni gyenge nőt, mert birtokába
Ejtett szivet, mely szívén vett gyözelmet),
—Engem taszíts bár kegytelen halálba—
E kisdedektől megvonnád kegyelmed?
Érettök —érettem— hajolj könyörre,
Ha meg nem indúlsz bűtelen bünömre!

Tudtál halált ezzével osztogatni,
A mór hadat tűzzel-vassal terelve,
S kegyelmesen most nem tudsz éltet adni
Annak, ki vesztét meg nem érdemelte?
Ha bír az ártatlan kérelme hatni,
Ám számkivess kietlen, messze helyre,
Jég-Seythiába, izzó Líbiába,
S borúljon éltem ott örökre gyászba.

«Ám számkivess, hol a vadak leselgnek,
S bősz tigrisek s oroszlányok körében
Tán még találok irgalmat, kegyelmet,
Mit nem találtam emberek szívében.
S őrizve a kiolthatlan szerelmet
Iránta, a kiért most szörnyü végem,
E drága csemetéit ott nevelném,
S enyhülve, kínomat nyugton viselném!»

A jó király megindul e szavakra,
Engedni készül—keble már feszengett;
De végzete, mely ezt másként akarja,
És a konok nép—egyikük sem enged.
A tényt javallók gyúlnak bősz haragra,
Kardot ragadnak, élesen kifentet—
Véres bakók ti! hölgyre támadátok
Ilyen vadúl, s ti lovagok valátok?!

Mint szende Polyxene szép fejére,
Kitől a vígászt még ősz anyja várja,
Halálcsapást vad Pyrrhus karja mére,
Mert boszuért kiált Achilles árnya;
S ő, míg alélt, meggyötött szülejére
Fordúl eget derítő szemsugára,
Szelíd türelmesség bárányaképen
Ott áll az áldozat-halálra készen:

Inezre bősz bakói így törének,
Nem rettegök a bosszús ég haragját:
Min könnye csillog még szelíd szemének,
Im vérbe márták rózsás arcuzlatját;
Márvány nyakába kardokat döfnek —
Megronesolák az ékes fő alapját,
Honnan nyilát Amor reá lövellte,
Ki őt utóbb királynővé emelte.

Láttára, őh, ily förtelmes merénynek,
Hogy nem borultál el, napunk sugára!
Mint a mikor Atreus a fivérnek
Őnmagzatát tálalta lakomára!
Ti völgyek öblei! fagyos lehének
Lesvén el-elhaló véghangzatára,
Végső szavával hogy Pedrot kiáltott,
Viszhangotkkal messze hordozátok!

És mint a gyenge, még alig kifejlett
Ékes virág, melyet korán letépe
Tövérül a mohó vágyakra gerjedt
Leányka, hogy befonja hajfüzérbe—
Elveszti színét, illatát, s lesenyved:
Ilyen a hölgynek halvány-sárga képe,—
Rózsái tünnek, s élte véglehére
Elröppen arcza tündöklő fehére.

Mondégo habléányi még sokára
Könnyt áldozának gyászos végzetének,
És könnyeikből, emlékűl, e tájra
Kristályvizű szép forrást szöktetének;
Még most is ott buzog fel tiszta árja,
«Inez szerelme» lón neve vizének:
Im a virányon harmatozva terjed,
Fris habja könnyet hord, neve szerelmet.

GREGUSS GYULA.

Nové vydání textu z roku 1873, kde byl zachován původní pravopis.

«Inês de Castro» je částí III. zpěvu básně Os Luciadas, uverejněné roku 1572.

Tato kniha je dárkem, nabízeným společností TAP-AIR PORTUGAL.

IGNES DE CASTRO

Ignácio, tys žila dny pokogné,
Sladkým se kogje owocem mladosti,
W té srdej šalbě tiché a opogné,
Gjž osud dlauhé nepřege stálosti;
Na kwětných březjch Mondega, gegž hogné
Twých slzj toky chránily suchosti,
Po auwalech a horách zwěstowalas
To gméno, gež we srdce swé zapsalas.

Twûg kněžic tobě zase odpowjdal
Zpomjnami, co w duši geho žily;
Po tobě genom stále se ohldal,
Když twâři twau od něho oddálili;
I za dne, i kdy s gewem sen se střdal,
Myšlenky létné tebau se bawily;
A posléz, co kdy myslil nebo zjral,
W pomněnj milém tebau se objral.

On krásnym se wyhýbá kněžnám, panjm,
A sňatkem žádaejm wždy powrhuge;
Wšjmł zhřdáš, lásko čistá, když usmánjm
Milostným libá twář té očaruge.
Udiwen tjmto lichým počjnánjm
Kmet otec, an wěhlasně pozoruge
Lid reptawý i synůw zámér marný,
An wstaupit nechce w sňatek blahodárny:

Ignácií umjnj zahladiti,
A zjiskat syna děwau zagatého;
Newinnau krwj saudj zahasiti
Plamene láskau mocně rozňatého.
Gakáže zlost geg hnala obnažiti
Meč, který sjle wzteku maurického
Wždy znal odpjrat, weden rukau statnau,
Na tuto děwu útlau neudatnau?

Wlekau gi katůw ruce nemilostné
Před krále, an se klonj k ustrnutj;
Wšak rozsápané luzy křiky zlostné
Na smrt okropnau gi wydati nutj.
Prosebné počne řeči a žalostné,
A wšak gi genom žel a tauha rmútj,
Že s kněžicem a djtkami gi dělj,
Gichž ztráty nade smrt swau wjce želj.

Krystalowým k nebesům powznesauci
Milostných očj, celých uplakaných—
Gen očj, nebo sepial ruce skwaucj
Že drábów geden zlých a rozsápaných:
A potom swých si djtek zpomenauci,
Tak srdci drahých, a tak milowaných,
Gichž siroby co máti se hrozila,
K nemilostnému dědu promluwila:

An giž i šelmy, které genom drawým
Od přjrody gsau srdcem obdařené,
A ptactwo diwé, genžto pudem žrawým
Po laupeži gen powětřjm se žene,
Newinňat citem šetřily laskawým,
Což často zřelo lidstwo udiwené,
I gak Ninowě matce daly důvod,
I bratrům, genž gsau byli Rómy původ

O ty, genž srdce lidské máš, podobu
Máš, lidské-li to, kázat zawražditi
Bezmocnau, slabau genom proto robu,
Že mohla gedno srdce si dobyti?
An woljš zaslat mě do temna hrobu,
Na tyto djtky račiž ohled wzjti,
Rač láskau rodičůw se ustrnauti,
An mé newině nelzelo tě hnauti!

A pakli, wjtěž nade Maurem zlostným,
Smrt ohněm a železem umjš sjti;
Rač šetřit žiwota, i bud' milostným,
An někdo bez winy ho má pozbyti.
Wšak hodna-li gsem toho žitjm ctnostným,
Kaž na wždy w bjdne pauště mi zagjti,
W Skythii mraznau, Lybii horaucj,
Kde stále žjt budu w slzách tonauci.

Kde diwost panuge, tam mě wyhosti;
Ke lwům a tigrům, dey mi to zwědjti,
Zda tam naleznu tolík útrpnosti,
Co w srdejch lidských nelze mi nagjti.
Tam w lásce wraucj a we oddanosti
K onomu, pro něhož umjrám, bdjti
O tyto budu geho pozůstatky,
Genž budau útěchami siré matky.

Král w srdeci pohnut giž odpustit chee gj,
A slowa ty geg welmi zarmautily;
Swévolná luza wšak a sudba gegj,
Genž tak to chtěly, gj neodpustily.
Ai meče oceliwé giž tasegj
Ti, kteřj dřjwe k činu poradili;
Se slabau děwau, duše wy surowé,
Tak krutě nakládáte, ó rekowé!

Gak druhdy se na Polyxenu, krásnau,
Poslednj těchu matky opuštěné,
Giž stjn Achillůw dal na smrt užasnau,
S ocelj twrdau mstiwý Pyrrhus žene;
Wšak ona twáři gako slunce gasnau
(Na wzor owečky tiché, ponjžené)
Na matku zaufagcęj obracuge,
A hroznau obět wolně podstupuge:

Tak proti Ignácií wrazi ljtj;
Na šjgi, wzporu alabastrowau.
Těch strogůw, gimiž Milek usmrtiti
Chtěl děwu, pak učinit králowau,
Braň swogi kálcej i čisté kwjtj,
Gež zwlažowala wlahau perlowau,
Ukrutně kati zlostnј se wztěkali,
A trestu budaucjho nelekali.

O slunce, od tohoto pohledu
Odwrátit mělos obljege swého,
Gak ode Thyestowa obědu,
Když gedl swé djtky z rukau bratra zlého.
Wy duté úwaly, gimž k posledu
Zwuk přáno slyšet ze rtu ustydlého,
Drahého Pedra gméno gste pogaly,
A dlauhý čas ge sobě zwěstowaly.

Gako kwětinka časně utržená,
Tak krásná dřjwe a tak roztomilá,
Swé wolnau děwau bywši usmrcena,
By pěkně kadeře swé gj prowila,
Hned wůni ztratj, barwy ge zbawena:
Tak děwa mrtwa gj podobna byla,
Uswadly růže, s životem zmizela
I barwy žiwost s děwinného těla.

Mondega dcerky dlaaho želným stenem
Na wraždu tuto sobě zpomjnaly,
A slzy gegj čistotným pramenem
K památce učiniwše, geg nadaly
Až po tu dobu trwagcjm gménem:
Dle krásné Ignácie geg nazwaly.
Gest widět, pramen kwěty owlažuge,
Gsau slzy wodau, pramenět *Lásky* sluge.

BOG. PICHLA.

Przedruk tekstu z roku 1873, w którym oryginalna pisownia została przechowana.

«Inés de Castro» konstytuje część III- cie j pieśni poematu Os Lusiadas wydanego w roku 1572.

Księga ta jest podarunkiem ofiarowanym przez TAP-AIR PORTUGAL.

INES DE CASTRO

Piękna Ines owoców lubych, co je miała
Z lat młodziennych, w pokoju słodkim zażywała.
Przepędzając dni swoje w niewinney pieszczocie,
Jakiey doznaje dusza miłośna przy enocie.
W ślepey pewności czuła szczęścia podchlebiania,
(Czem się nam długo cieszyć Fortuna zabrania!)

W Wsi zdrowey i wesoley stała przy Mondegu,
Co lubił w czystych wodach odbić twarz jey z brzegu.
Tam się w częstem górzystych Echów odgłoszeniu
O Dona Pedra mogła dowiedzieć imieniu.
O tem imieniu, co go Kupidyna strzała
Głęboko na jey sercu rannem zrysowała.
Roskoszne wspomniania, jakie napełniały
Serce Xiążęcia, czuciom Kochanki równały,
Jey obraz oczom jego zawsze był stawiony.
Jeżeli był od Inesy oczu oddalony,
Znaydował ją obecną swę duszy i w nocę
Przy ludney snów życzeniom przyjaźnych pomocy,
Nie czuwał tylko dla niey, za nią przez dzień cały

Jego gorące żądze ustawnie latały,
Wszystko, co się przed oczy jego nawijało,
Wszystko, co jego uszy brzmieniem uderzało,
Czego się tknie, gdzie stąpi, jemu nie snuje się
Tylko obraz Kochanki i myśl o Inesie,
Wszystkie powinowactwa ofiary uchyla,
Zadna się jego sercu Piękność nie przymila,
Miłości! ci, których ty zaymiesz twą nadobą,
Gardzą wszystkiem, cokolwiek nie jest iście toba.
"Ociec widząc namętność, gorzko się użala,
Ze się Xiążę od więzów Himena oddala.
Upor Syna, a głośne Narodu szemranie
Pomnaża i rozjatrza jego zagniewanie.
Stanowi rozwód na złe użtya potęga,
Wyrok niezwrotny zgubić Inesę przysięga.
Rozumiał Król, że miłość w jey krwi zgasnąć miała,
Którą w serce Donowi Pedrowi zadała.
Jakże Niebo dopuścić w tedy mogło, aby
Przeciw Kochance czułey, niewinney i słabyy
Ta sama wielka Ręka w miecz się uzbroiła,
Która niedawno tryumf z Maurów odnosiła?
Król, gdy już Kaci przed tron Inesę prowadzą,
Czuje serce litości poruszone władzą.
Lecz go do surowości sroga polityka
I szemranie Narodu niesłuszne pomyka,
Smutna Ines krzyk болу i strachu wydała,
Nie żeby się o siebie samę lękać miała,
Lecz się o Królewicza lubego obawia,
O zakłady miłości, które mu zostawia.

Wznosi ku Niebu oczy napełnione łzami,
Oczy! niestety! władnąć nie może rękami,
Bo ręce tey niewinney przesądu ofiary
Przyciskały żelaznych łańcuchów ciężary.
Znow nad Dziećmi w sieroctwie oczy zastanowi,
A tak niezbłaganemu rzecze ich Dziadowi:
«Jeżeli widziano kiedy w rozboje wprawione
Dzikie bestyje, ptaki drapieżtewm karmione,
Ze się dały poruszyć czuciem użalenia
Widząc daleko słabsze, a nędzne stworzenia,
Ze im mleko ssać dały, i ze ich bronili,
Jak mówią o bliźniętach, co Rzym założyły.
O Ty! który masz postać i wnadrze Człowieka,
(Jeżeli cię jednak imię to dostoynie czeka,
Gdy rozkazujesz umrzeć gwałtownie kobiecie,
Co nie ma żadney prócz łącz obrony na świecie,
I żadney zbrodni, tylko to mi masz za zbrodnię,
Zem poruszyła Serce z Jego czuciem zgodnie.)
Okaż tym nieszczęśliwym dzieciom litość twoją,
Bądź czułym na ich bolesć, nieczuły na moją!
O Ty! co z barbarzyńców tak tryumfowałeś!
Co twym nieprzyjaciołom śmierć zadać umiałeś,
Co masz wielkiego serca mniemanie w zaszczycie,
Umiejęże tez darować Niewinności życie.
Nie zasłużyłam na śmierć, lecz jeżeli Panie!
Nieodzownie wyrzekłeś moje ukaranie,
Odeśley mnie w pustynie Scytyi złodziałe,
Lub na piaski Afryki od Słońca zgorzałe
Między lwów i tygrysów. Dla mnie sie obudzi

W poczwarach litość, którey nie widzę u Ludzi.
Tam mi się w płaczach trawić mdłe życie dostanie.
Wśród nędzy będzie moje jedyne staranie
I pociecha, mieć pieczę nad nieszczęśliwemi,
Czuwać, karmić, hodować naymiley będzie mi
Z sercem uszanowania pełnem dla Lubego,
Dla którego tak wiele teraz cierpię złego!
Niech mam przynamniey w bolach to pofolgowanie:
Widok mych Dzieci i ich Oyca wspominanie.»
Na skargi tak rzewiące, już się do litości
Skłaniać dawał Monarcha w swey smutney starości,
Lecz gmin i Przeznaczenie niezbłagane rownie
Wyciągały znaczoney ofiary gwałtownie.
Poradnicy Alfonsa, mordercy nieczuli,
Co na Inesę wyrok tak srogi uknuli,
Mimo zmiękczenie Króla nie wstydzą się przecie
Dobywać ostrych mieczów swych przeciw kobiecie.
Okrutni! chlubicie się bydź Kawalerami?
Jesteścież niemi, gdy się stajecie katami?
Nie tak czują prawdziwie szlachetni Rycerze!
Zaden się na Płeć Piękną do rzezi nie bierze.
Ci ślepi Prześladowcy wścieczeni bez miary,
Bez zgryzot, nikczemności, bez bojaźni kary
Zelazo w albastrowey szyi zatapiają,
Sliczne łono skropione ɻzami rozdzierają,
Natury i Miłości dzieło tak pieszczone!
Od nieszczęsnego Dona Pedra tak uczezone!
Tak niegdyś srogi Pirus wpadłszy w zapalenie
Ugodził mieczem w piersi Piękney Polixenie,

Ona była pociechą sama Matce staryy,
Ale cień Achillesa chciał z jey krwi ofiary.
Ku Matce konające oczy obracała
A w okropach morderstwa z boleści zemdlała,
Jak lękliwa owieczka na ofiarę rznięta
Padła w krwi własney razem śmiertelnym zacięta.
Słońce! co patrzyć na kaźń nie śmiejąc pospołu
Z. wstrętem od bezbożnego zwrociłoś się stołu,
Gdzie się Tyest swych własnych dzieci krwią napawał.
Co mu ją barbarzyniec Atreusz podawał.
O Słońce! jakże możesz dziś oświecać żywo
Scenę niemniewy bezbożną i niemniewy straszliwą?
Bóy niewinney Inesy skaził twą oświate,
Wy zaś mieysca żałobne! wzglądające na te
Mordy, coście słyszały w ostatniem jęczeniu
Z jey ust o Dona Pedra wiernego imieniu,
Powtarzajcie czas długi, powtarzajcie stale
To imię i Inesy konającey żale.
Ines kona, a jak kwiat, co przed czasem zżęty
Schnie, wątleje i wszystkie utracą ponęty
Pod szczykającą ręką, która go zerwała,
Tak nieszczęśney Kochanki wdzięki śmierć zcierała.
Gasną na twarzy farby życia i piękności
A roże ustępują bladej śmiertelności."

JACEK PRZYBYLSKI.

*Перепечатывание текста 1873 года, в котором сохранили орфографию первого издания.
«Инесса де Кастро» — часть песни III из поэмы «Лузиады»,
изданной в 1572 г.
Эта книга подарок TAP-AIR PORTUGAL.*

ИНЕСА ДЕ КАСТРО

Прекрасная Инеса вкушала спокойно сладостные плоды цветущихъ лѣтъ своихъ. Она провождала дни свои въ утѣхахъ влюбленныя души, въ семъ пріятномъ упоеніи въ семъ состояніи блаженномъ, коимъ щастіе не позволяетъ намъ долго наслаждаться. Она обитала посреди здравыхъ и веселыхъ долинъ, орошаемыхъ Мондегомъ, коего чистыя воды съ удовольствіемъ изображали въ себѣ прелести любезныя Инесы. Въ сихъ-то пріятныхъ мѣстахъ отзывы горь имя Донъ Педрово за нею повторяли, которое любовь на сердцѣ ея начертала. Нѣжныя воспоминанія, наполняющія сердце юнаго Князя, въ чувствительной нѣжности любовницѣ ни мало не уступали: Безпрестанно она очамъ его мечталась. Удаленъ взоръ Инесы, онъ находить ее во время нощи въ пріятныхъ мечтахъ сновидѣній; а днемъ пламянное его воображеніе безпрестанно къ ней обращалось: Все, что взорамъ его ни представлялось; все, что онъ ни слышалъ, всякой шагъ, всѣ его забавы, естьли можно ихъ имѣть отлученному своей любезнѣй, все приводило ему на память его дражайшую Инесу. Онъ отвергалъ брачныя узы. Ни единая красавица, ни единая Царская дщерь не могла тронуть

его сердца. О любовь! сердца тебе подвластны все то презираютъ, въ чемъ тебя не находять! Его родитель съ прискорбiemъ взираетъ на сию страсть, которая Князя отвлекаетъ отъ узъ Гименеевыхъ. Сыновнее упорство и роптаніе народа гнѣвъ его усугубляютъ. Онъ возпріемлетъ жесточайшее намѣреніе: клянется погубить Инесу. Лѣстится надеждою, въ крови ея погасить любовь, которую она возпламенила Донъ Педра. Какъ Небо допустило той же самой десницѣ, которая надъ варварами торжествовала, вооружиться противъ слабой и нещастной любовницы! Уже свершители злодѣяній влекутъ ее предъ Царя. Взирая на нее, онъ приходитъ въ состраданіе. Но вопли народа и совѣты жестокія политики принуждаютъ его къ мучительству. Печальная Инеса изгнаетъ скорбныя и ужасныя рыданія. Не собственная ея напасть оныхъ есть виною, но сожалѣніе о Князѣ ею обожаемомъ, и о чадахъ, коихъ она, яко дражайшій залогъ взаимная любви, ему оставляла. Она возводить къ небесамъ свои очи, орошенныя слезами!... Очи... невинныя бояліи, увы! тяжкими оковами обременены были. Взираетъ потомъ на чадъ своихъ, существующихъ въ скромъ времяни оставаться сиротами, и къ неумолимому ихъ дѣду слѣдующія слова простираетъ: 'Когда уже и самые лютѣйшіе звѣри, привыкшіе къ кровопролитію, и хищныя птицы къ безпомощнымъ младенцамъ являли свое состраданіе, помогали имъ и питали ихъ млекомъ своимъ, какъ-то мы видимъ изъ повѣствованія о двухъ братіяхъ, основателяхъ Рима: а ты! имѣющій образъ и сердце человѣческое (если можетъ оно имѣть тотъ, кто предаетъ жену, не имущую другой себѣ защиты, кроме слезъ своихъ, ниже другаго преступленія, кроме того, что имѣла злочастіе тронуть сердце того, къ кому сама любовь ощущается), молю тебя, сжался надъ сими злочастными младенцами;

когда моя напасть не въ силахъ тебя тронуть, то хотя къ ихъ скорби яви себя чувствительнымъ. Ты побѣждалъ варваровъ, ты умѣлъ наказывать смертю враговъ твоихъ: научись нынѣ щадить невинность. Я ничѣмъ смерти не заслужила; но когда наказать меня ты положилъ непремѣнно, то удали меня въ хладныя Скиѳскія пустыни, или на знайные пески Африканскіе, въ обиталища львовъ и тигровъ. Я безъ сомнѣнія въ оныхъ чудовищахъ обрѣту къ себѣ сожалѣніе, коего здѣсь не вижу. Тамо во всегдашнихъ слезахъ я буду влачить горестную жизнь мою. Мое единственное попеченіе, моя единственная отрада будетъ состоять въ томъ, чтобы сохранять жизнь сихъ нещастныхъ (указывая на дѣтей своихъ). Я буду ихъ питать, наставлять ихъ младость, всегда имъ сердце наполнено тѣмъ предметомъ, за который толикия скорби претерпѣваю; и буду по крайней мѣрѣ имѣть послѣднимъ для себя утѣшеніемъ присутствіе чадъ моихъ и возпоминаніе о ихъ родителяхъ.'

При таковыхъ словахъ, при сихъ поразительныхъ жалобахъ строгое и древностю отягченное Монархово чело изъявило на себѣ видъ собользнованія. Но народъ и судьбы, равно неумолимыя, требовали своей жертвы. Жестокосердые Альфонсовы совѣтники, виновники Инесиныхъ напастей, узрѣвъ Царя къ жалости преклонна, не уерамились изторгнуть мечи свои противъ слабыя жены. О жестокосердые! вы Рыцарями себя нарицаете, а приемлете на себя должность палауей! Они, предавшиесь ослыпленному неистовству, не ощущая мерзости своего поступка, ниже успрашаясь божескія за то казни, воинствуютъ острѣ мечей своихъ въ сю бѣлѣйшую алебастру выю; раздираютъ перси орошенныя слезами, сіе толь совершенное твореніе природы и любви, обожаемое нещастнымъ Донъ Педромъ. Тако нѣкогда свирѣпый Пирръ вознесъ свой мечъ на

прекрасную Поликсену, которая была единственою отрадою матери, древностю удрученной; но тънь Ахиллова на смерть ее осуждала. Она обращала угасающе свои взоры къ матери, отъ безмѣрнага скорби чувствъ своихъ лишенной, и подобно незлобивому агнцу, закалаемому на жертву, смертоносный ударъ пріяла. О солнце, съ ужасомъ отвратившее твои очи отъ злочестивыя трапезы, на коей юность отъ жестокосердаго Атрея упоенъ кровью чадъ своихъ, во снѣдь ему предложенныхъ! о солнце! можешь ли ты освѣщать позорище не менѣе того ужасное? Убийство невинныя Инесы сияніе лучей твоихъ помрачило; а вы, свидѣтели ея кончины, плачевныя мѣста, внимавшія изшедшее изъ устья ея съ послѣднимъ дохновеніемъ имѧ вѣрнаго ея Донъ Педра! повторяйте на долгое время сіе имѧ и купно жалобы умирающей Инесы. Инеса умираетъ, и яко прежде времяни посвященный цветъ сохнетъ иувядаетъ въ руки, отъ корня его отдѣлившей: тако смерть помрачаетъ прелести сея злочастивыя любовницы. Жизненный цветъ и красота ея на помертвѣвшемъ лицѣ ея уничтожаются; смертная блѣдность покрываетъ розы лапитъ ея. Мондегскія Нимфы долгое время оплакивали ея кончину. Проліянныя ими слезы превратились въ источникъ, который и до днесь источникомъ любви нарицается: плачевный памятникъ, имущій возвѣщать даже и отдаленнѣйшему потомству о Инесѣ и ея любовнику!

Александръ Демитревъ.

本著は、1873年版原文テキストの再版であり、表記法及び、縁り方は、オリジナルをそのまま保存引用した。

詩 ”イネス・デ・カストロ”は、1572年に、出版された ”オス・ルジアダス” 第三章の一部である。

尚、本書は、TAP-Air Portugalの、提供によるものであります。

イネス デ カストロ

麗しきイネス 安らかな眠りにつく。
甘い果実に包まれた若かりし頃
幻想と快樂と盲目
何と果なき運命だったのか。
懐かしきモンデゴの草原に
あなたの愁いに満ちた瞳は枯れることはなく
あなたの胸に刻まれた愛しき人のその名を
山も、草木も、囁き繰り返す。

愛のメモリーは、愛しき人の
魂の深くにやどる。
最後の別離の時も
彼の視線はあなたに注がれていた。
夜には甘い夢に偽り
昼には思い入れに舞う。
思い入れ見つめるたびごとに
それらすべてが歓喜に満ちていた。

美しい奥方や御姫達が
王妃の位を射止めんと
闘争を繰り広げる最中
あなたの妖艶な美貌は男の心を捕らえ、
真実の愛は屈辱と化した。
年老いた細心な父は、
我子の結婚幻想を
決して認めはしなかった。

虜になった息子の懐いを冷ますがために
イネス、あなたは命を奪われた。
純血がしたたり流れ
燃えさかる愛の炎は
絶ち消された。
か弱く纖細な女性の前に
剣を降りかざし、立ち憚った男たち
何たる殘虐な決裁だったのか。

イネスの亡骸は虐殺人によって
王の目前に差し出され、
民衆の間に哀れみが渦巻き始めていた。
が、王は怯む事無く裁定を取り繕った。
悲しみと哀れみ深い噂の渦中
哀酷と愁いだけが 後に残る
愛しき人と子供達に残され
死者にも勝る痛恨が置き去りにされた。

高く澄みわたる空を仰ぎ
悲しみの瞳から涙が溢れる。
無情な官吏に両手を縛られたまま
瞳だけが悲しみを訴え続けていた。
いとおしく愛らしい孤児たちにも
容赦なく手が加えられ
あまりに残虐な祖父の姿に
人々は口々に呟いた。

”もし、残忍や野蛮が、本能によって
殺害を導くのであれば、自然は、生まれ
ながらの残酷性を生み出す。
野鳥は、餌を強奪せんとばかり
粗野の原を、ひたすら飛び交う。
我々は、哀しみにひれふす子供達の姿を
まさに、ローマ建国の双子の兄弟がセラミスに
示した、かのありさまの如く見つめている！”

”あなたは、姿、形も人間なのだ。
人が、もし、征服欲のために か弱き
乙女を殺しても、愛は死を超越し生き残る。
子供達を敬いなさい。
母のような暗い死を齎らしてはならない。
あなたと私（カモンエス）の慈愛でもって
心服すべきなのです。”
だが、あなたには、呵責も改めもなかった。

”もし、モーロ人との戦いに勝ったとしても
死者は、炎と鉄で以て逆襲をし、寛容を以て
再びの命を敗者に与え導く。
王！あなたが御自分を無罪だと思いになるのなら
黒海の凍える故国シジア、或いは酷暑に茹だる
リビアへと永久に其の身を追いやることに
他ならないのです！
そこには、悲嘆が永遠に存在するのです。”

”虐待が自然の掟であるライオンや虎の
世界に身を置き見てみるといい。
彼等の中に、人間の胸の内にも
見つけ難い哀れみの存在することを
我々は見いだすであろう。
秘められた愛と欲望がそこにはある。
神からの授かりは、ここに慰めとして
母の悲しみとなるであろう。”

彼を苦しめる言葉に動搖し
王は、我が身の容赦を請いた。
だが、強情な人々と運命は
それを許しはしなかった。
銳利な剣を引抜き、大声で
行いの言い訳を叫んだ。
乙女への敵視は残酷な胸中だった！
今、剛毅に、それを見るがよかろう！

美しき乙女ポリシェナの虐殺は
年老いた母に永遠の哀酷を投げ付けた。
アキレスの影が刑を処し、野蛮なフィローの
鉄の剣は、彼女を滅多突きしたのだ。
だが、彼女の瞳は静かに空を見つめていた。
(辛抱強く、穏やかな羊の様に)
嘆かわしくも、母は狂乱し
酷い犠牲だけが、とり残された。

残虐な殺害者は、熱愛に満ちた
イネスの白く美しい頬を落とした。
その激しい純愛こそがイネスを
女妃位へと導いたのだ。
虐殺者の剣は血で染められ
乙女の愛し育んだ白い小花が捧げられた。
烈火の如く怒るペドロは、おぞましい
復讐の炎を燃やしはじめた。

太陽よ、何たる酷い光景なのだ。
あなたの光はあの日運命を分けた。
ギリシャ神話に語られるシステスの卓
アテオによって惨殺された自分の子供の
肉をそれとは知らずに食べたシステス！
渓谷の底に、冷酷な慟哭が響き渡る。
広い空間に繰り返されるペドロのその名をも
あなたは、確と聞いたのですか！

清純に美しい開花の前に
淫らな手によって詰み取られた
不憫な野薔薇のよう
香も消え失せ、色艶も無くして
礼拝堂へと導かれた乙女。
純白も、鮮やかな色合さえも
無くした薔薇のように
甘い生活も枯れ落ちていた。

モンデゴの娘たちは、暗い死を嘆き悲しみ
長い間、それを忘れるることはなかった。
永遠の追憶は、涙を潔き湧き水と化した。
その地を駆け抜けたイネスの愛を
名づけた湖は、今も、尚
嘆かわしくも、その名を留める。
愛という名の水と化した涙
潔き水の妖精は小花に潤いをそそぎつづける。

青木史子・竹沢良美

ÍNDICE

IGNEZ DE CASTRO (Português)	11
AGNES DE CASTRO (Latim)	17
INES DE CASTRO (Espanhol).....	23
INES DE CASTRO (Italiano).....	29
INEZ DE CASTRO (Francês).....	35
IGNEZ DE CASTRO (Inglês).....	41
INES DE CASTRO (Alemão).....	47
INES DE CASTRO (Holandês).....	53
INEZ DE CASTRO (Sueco)	59
INES DE CASTRO (Dinamarquês)	65
INEZ DE CASTRO (Húngaro).....	71
IGNES DE CASTRO (Boémio).....	77
INES DE CASTRO (Polaco)	83
ИНЕСА ДЕ КАСТРО (Russo)	89
イネス デ カストロ (Japonês).....	93

ACABOU DE IMPRIMIR-SE
NA IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA
NO MÊS DE MARÇO DE 1990

(一一七)

还有你呵，高贵的狄度^[302]，
是你把那样多的生灵遣入
黑暗的科库托斯^[303]的冥河，
当你攻陷那座神圣城市，
残杀执守古老信仰的人，
那是上帝的惩罚，不是人力所及，
先知早已预言过这一惨案，
耶稣已经对这件事有所断言。

(一一八)

取得这场辉煌的胜利之后，
阿丰索返回到卢济塔尼亚，
正当他赢得了残酷的战争，
获得了如此光荣的和平时，
不幸发生了一场千古悲剧，
有一位可怜而美丽的夫人^[304]，
无辜受害，后被立为王后，
还被发掘出坟墓重新安葬。

(一一九)

只有你呵，那纯洁的爱情，
如此残忍地把人类心灵蹂躏，

仿佛你是一个狠心肠的仇人，
让人们受尽折磨痛苦地死去，
听人传说，狠心的爱情呵，
悲伤的眼泪不满足你的饥渴，
你真是一位残酷无情的暴君，
要用人的鲜血溅你的祭坛。

(一二〇)

美丽的依内斯，你欢乐无忧，
恬静地生活在心灵的幻觉中，
采摘着青春年华的甜蜜果食，
可是命运之神却不让它绵延。
在充满相思情的蒙德古原野，
美丽的眼睛永远流不干泪水，
你面对青青草地，巍巍群山，
一遍又一遍把心上人儿呼唤。

(一二一)

你那王子的心中充满怀念，
从远方回答着你的呼唤声，
每当看不见你美丽的眼睛，
你的身影便出现在他心间。
夜晚甜蜜的梦境把人欺骗，
白天缠绵的相思给人安慰，
王子思念和幻想中的一切，

都是美好快活的生活回忆。

(一二二)

王子拒绝了多少令人羡慕的
与美丽的公主或小姐的婚姻，
当那温柔的表情束住你的心，
纯洁的爱情呵，会轻视一切。
精明的老父重视民间的流言，
当他看到这一段奇怪的情缘，
儿子为忠贞爱情不愿结婚时，
他对王子的怪诞任性而担忧。

(一二三)

为了夺回被爱情俘虏的王子，
他决心把依内斯从世间除掉，
相信只有用无辜死者的鲜血，
才能把忠贞的爱情火焰扑灭。
呵，那是何等可怕的盛怒呵！
竟能够把那可以抵御摩尔人
疯狂进攻的无比犀利的剑锋，
指向如此柔弱而美丽的女子！

(一二四)

可怕的刽子手们把依内斯

押到已然心软的国王面前，
但人们用虚伪残忍的理由
劝说国王把她残忍的处死。
就要与王子和孩子们永别，
她只是痛苦地留恋着他们，
这种痛苦比死亡更加难受，
依内斯的腔调悲惨而可怜。

(一二五)

她可怜地向着水晶般的天空，
仰起饱含着热泪的悲伤眼睛，
她只能够抬起目光，因为，
凶狠的刽子手捆着她的双手。
她接着把目光投向几个孩子，
他们是那样天真可爱而活泼，
母亲多么惧怕孩子沦为孤儿，
便这样对残忍的祖父哀求道：

(一二六)

假使在那些生来被大自然
赋予了残忍的天性的野兽，
还有那些在天空中飞翔的
劫掠成性的凶狠的猛禽中，
人类尚且能从它们那发现
对稚弱幼子发生怜悯之心，

象对修筑罗马城的两兄弟^[305]，
和尼诺斯之母^[306]表现的那样：

(一二七)

可是你呵，有人面和心肠，
(假如仅为一个柔弱的姑娘)
善于用爱情俘获一颗心灵，
就杀死她，还不算人面兽心)
即使她的惨死不能使你怜悯，
也应该想想这些幼小的孩子，
即使不能原谅她的无名罪责，
你也应该可怜她的这些幼子。

(一二八)

假使你胜利地抵御了摩尔人，
善于用剑与火送他们见死神，
那么你也应善于以慈悲为怀，
把生命恩赐给无辜被杀的人，
如果这样清白仍旧难免一死，
就请你把我悲惨地永世流放，
在寒冷的塞西亚^[307]，炎热的利比亚^[308]，
让我在那里永远在泪水中度日。

(一二九)

请把我流放到那荒蛮的地方，
凶狠成性的雄狮与猛虎之间，
我要看在猛兽之中能否找到，
人类的心肠里得不到的同情。
为那个我甘愿为他死去的人，
怀着对他那坚贞不渝的爱情，
把你眼前的这几个孩子抚育，
他们是他的宝贝、悲惨母亲的唯一寄托。

(一三〇)

依内斯对国王苦苦地哀求，
仁慈的国王已欲把她赦免，
可固执的大臣和她的命运，
(她命中注定)却不肯饶恕，
那些主张把她处死的大臣，
拔出宝剑露出雪亮的霜刃，
真是蛇蝎一般狠毒的心肠，
对一位女子，你们是何等英雄！

(一三一)

象年轻美丽的波吕克塞娜^[309]，
是年迈的老母最大的安慰，
阿喀琉斯的阴魂欲处死她，

狠心的皮洛斯便拔出宝剑，
她真象一头温驯的小羊羔，
那双让蓝天也静谧的目光
投向已经发疯的可怜母亲，
任凭被人当作残酷的祭品。

(一三二)

凶狠的刽子手就这样挥剑
斩断托着爱神杰作的玉颈，
那令死后把她尊为王后的
王子拼死相爱的丽颜委地，
腮颊上还挂着莹莹的泪珠，
宛如白色的花朵沾着朝露，
此刻那些刽子手如此残暴，
绝料不到日后会遭到惩处。

(一三三)

太阳呵，你若看到这种惨景
哪能不把那一天的光芒收敛，
象阿特柔斯^[310]准备的野蛮宴席，
让堤厄斯忒斯把亲生子吃掉。
幽幽的山谷，你怎忍心听见，
那双冰冷的嘴唇吐出的绝叹，
你把那声音传遍辽阔的山野，
那是她把彼得罗的名字呼唤。

(一三四)

仿佛是一朵天真烂漫的山花，
被淘气的小姑娘过早地采摘，
在她那顽皮的指间惨遭蹂躏，
被她编织成花环，戴在头上，
可怜花瓣儿雕零，枝残叶断，
年轻的姑娘颜色苍白地死去，
那美丽的面颊上失去了红晕，
纯洁的色彩和那温柔的生命。

(一三五)

蒙德古河仙女们久久地哭泣，
深深怀念悲惨死去的依内斯，
她们的泪水化成一眼眼清泉，
永远把那段纯洁的爱情铭记，
泉水的名字一直流传到今天，
把依内斯的爱情故事来纪念，
请看把花儿浇灌的冽冽清泉，
是仙女们的眼泪，名唤“爱泉”。

(一三六)

人们并没有等待很久的时间，
彼得罗就执掌了王国的大权，